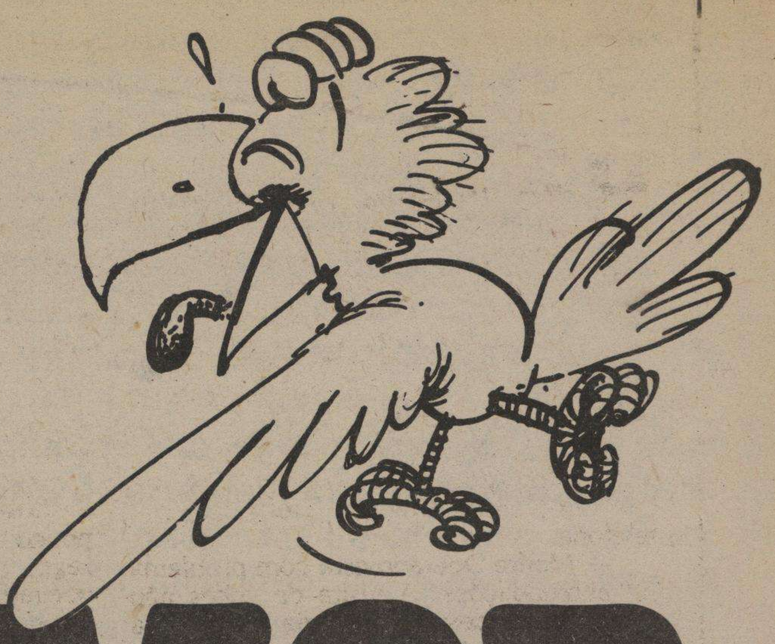
15 ANOS DE MAU HUMOR





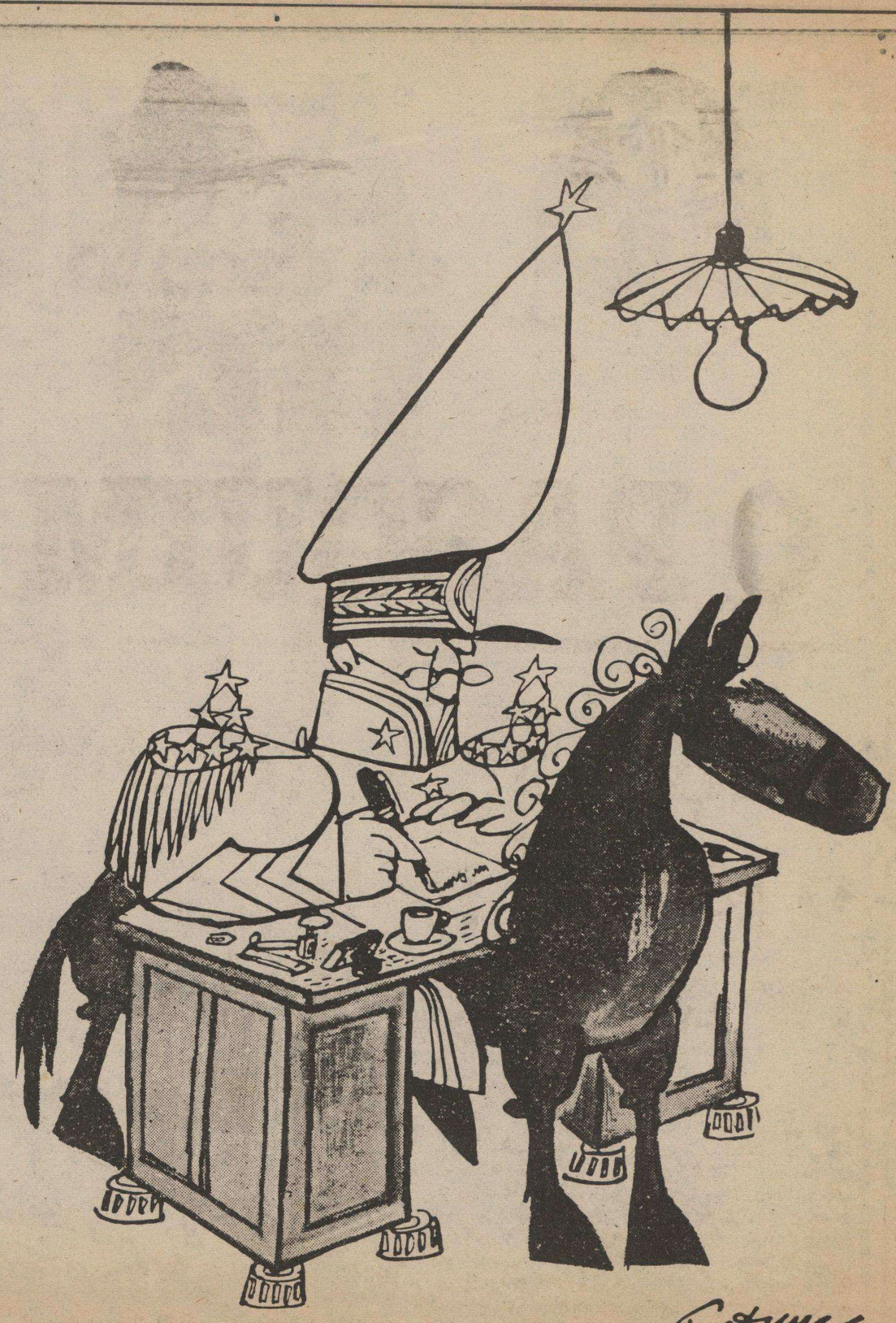
MILLÔR/HENFIL/VERÍSSIMO/
VASQUES/FRAGA/FORTUNA/
ZIRALDO/NÁSSARA/ALVARUS/
JAGUAR/SANTIAGO/CHICO

SUPLEMENTO ESPECIAL
Não pode ser
vendido separadamente

Os últimos 15 anos foram de resistência e luta para o povo brasileiro, face ao arbítrio, à violência e à injustiça social, face ao AI-5 que, no dizer de Fortuna, não destruiu só a organização política, mas também afetou a alegria de criar e de dizer as coisas das pessoas. Não havia muito do que rir e, paradoxalmente, nunca surgiram tantos humoristas no Brasil. Nunca eles foram tão críticos com relação ao sistema.

Henfil chega a dizer que toda uma geração armou-se para combater a exceção através do cartum, do texto inteligente, não aceitando o desafio do regime para lutar de armas na mão ou na clandestinidade, onde o outro lado, reconhecidamente, era mais forte. E assim foi. Não houve jornal, da pequena ou grande imprensa, neste Brasil imenso, que não tivesse o seu humorista. Foi uma época de muita participação e pouca graça. Porque as piadas saíam iradas, cheias de raiva e de ódio.

Hoje, no limiar de uma década que esperamos todos seja mais aberta, o *Coojornal* lança este suplemento que é uma homenagem e um testemunho destes 15 anos de humor. E que também levanta uma pergunta: Qual será o futuro do humor no Brasil? Henfil tem uma proposta de ação para os humoristas. De nossa parte, pensamos como Edgar Vasquez: o humor deve libertar-se da sua sisudez e entrar mais alegre, debochado e descontraído nos anos 80. Mesmo sabendo que isto não vai depender só dos humoristas, mas dos rumos que o país vai tomar.



Revista Pif-Paf, 1964



FORTUNA

"O AI-5 destruiu nossa alegria de fazer as coisas"

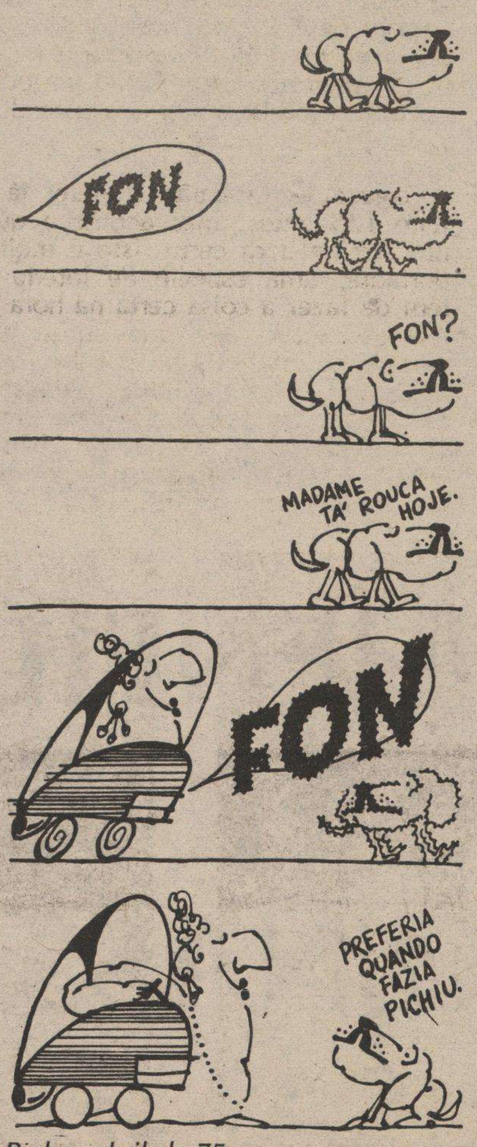
Desde os 16 anos, o maranhense radicado no Rio de Janeiro, Reginaldo José Fortuna, faz charge política. Mas como ele gosta de dizer: "Para dar alento aos jovens" — foi somente aos 30 anos que começou a se politizar e a fazer charges com uma posição firmada ideologicamente. Hoje, analisando os 15 anos de mau humor instalados no país a partir do golpe de 1964, Fortuna diz que o maior desastre da repressão e do AI-5 foi a forma como eles agiram no plano da emoção.

— Além de destroçar praticamente toda a vida política brasileira, o AI-5 também destruiu o existencial, a alegria da gente viver e fazer as coisas. A partir daquele momento, os desenhistas ficaram condicionados a falar de política ou a não usar o espaço. Houve patrulhamento, mas eu acho até que ele foi justo, uma defesa. O espaço político era tão pequeno que a gente usá-lo para fazer alguma coisa que não fosse imediatamente aproveitável, em termos políticos, poderia ser um desperdício.

Fortuna trabalhou em vários órgãos da grande imprensa brasileira, mas fala com especial carinho da sua experiência no *Correio da Manhã*, onde ele começou a fazer charges políticas em 1965, levado por Antônio Callado. "O *Correio da Manhã* era o único jornal da grande imprensa que fazia oposição ao sistema. E foi liquidado, naqueles anos de 1965 a 69. Desapareceu como se você visse desaparecer hoje o *Jornal do Brasil*".

O que caracteriza as charges de Fortuna daquela época é o seu grau de participação. "Eu era a voz do povo. Fazia charges que não só expressavam a opinião do público, que iam de encontro à sensibilidade do povo, mas também arregimentavam. Charges como bandeiras". Com o desabamento do AI-5 sobre as cabeças do Brasil, Fortuna deixou de fazer charges. Não tinha mais condições: suas charges eram muito diretas, logo, altamente censuráveis.

Veio a experiência do *Pasquim*, onde ele criou Madame e seu bicho muito louco, quase em forma de quadrinho, e em seguida São Paulo, onde foi capista de *Veja*. O melhor, porém, foi a revista *Bicho*. "Eu já havia feito quadrinhos aos 16 anos e achava que aquela época de sufoco não ia passar tão cedo. Voltei aos quadrinhos. Me aproximei dos jovens. Passei a ser um careta pirado. Vi que uma geração estava se formando sem informação. Não liam nem *O Pasquim*. Sentiam-se marginalizados e eu descobri que tinha de usar a linguagem do amor para comunicar com eles, porque aquelas pessoas estavam carentes de amor. Não havia amor no país".



O Bicho, abril de 75

A relação da revista com seus leitores foi uma relação de afetividade. "Inclusive eu andei olhando a coleção do *Bicho* e vi que a gente não discutia política nem nada. Nunca tivemos uma charge contra o Super-Homem, porque eu desenvolvi a seguinte política: em vez de atacar o Super-Homem, que é uma forma tradicional de combate, vou dar força para o desenhista brasileiro e para tudo que a multinacional não quer".

Com *O Bicho*, Fortuna realizou seu sonho de fazer uma publicação para o público não-politizado. Mas faltou estrutura empresarial e as próprias pessoas não entendiam direito a revista. Uns diziam que era infanto-juvenil, outros que era *underground*. "Usava elementos de *underground* e me dirigia ao público infanto-juvenil, sim. Mas o recado era maduro: não fazer política tradicional e sim, existencial. Era uma modificação tática, uma mudança de tom de acordo com a época, o início da distensão de Geisel".

Ultimamente, Fortuna voltou à charge no jornal *Enfim*, mas afirma que a história não se repete. "Não vou fazer as charges que fazia no *Correio da Manhã*, nem as desta geração que surgiu debaixo da repressão. Aliás, não sei direito que charge vou fazer. Antigamente, eu tinha ódio e precisava do ódio para criar determinadas figuras, não digo quais. Hoje eu tenho indignação. Não eliminei a idéia da arregimentação, mas passei para um plano mais suave, mesmo sem concessões".





O PASQUIM

"Hoje a gente abre o jornal para rir do Figueiredo"

Se a grande invenção cultural dos anos 70, no Brasil, foi mesmo o humor, não há dúvida de que *O Pasquim* foi o verdadeiro deflagrador deste processo, ainda no final dos anos 60. *Pasquim* surgiu praticamente com o AI-5, na época mais dura da repressão. Temia-se que ele fosse durar um mês e o jornal está aí, superada a curva dos dez anos, ingressando cheio de novidades na década de 80. É um fenômeno na história do jornalismo de humor brasileiro.

Houve momentos em que a barra pesou mesmo, principalmente naquela época em que havia dois brasis: o do milagre econômico, de Médici e Delfim Netto, e o outro da miséria econômica, da violência e do arbítrio. O primeiro existia na grande imprensa, no rádio e na televisão. O segundo conseguia driblar a Censura e insinuar-se com graça nas páginas do hebdomadário de Ipanema. *O Pasquim* renovou os costumes neste país e foi a nossa vingança contra os poderosos e os intolerantes. Hoje ele se recicla para adequar-se aos novos tempos e para enfrentar a concorrência até do presidente Figueiredo que, segundo Jaguar, "consegue ser melhor piadista que nós".

Vocês estavam fazendo uma brincadeira quando criaram o Pasquim?

Jaguar — Estávamos. Uma brincadeira como sempre fizemos. A gente já andava acostumado com a nossa habitual incompetência. Fazia revistas sabendo que ia juntar meia-dúzia de talentos incríveis, mas que a coisa ia durar no máximo oito números. Depois é que vimos: talento, tudo bem, mas se não tem uma gerência por detrás para segurar a barra...

Ziraldo — Eu acho que o nosso caso foi mais de perseverança, principalmente perseverança do Jaguar.

Jaguar — O caso do ~~Pasquim~~ foi um milagre. Nunca houve estudo de nada. Foi um negócio que a gente fez e não sabia que era a coisa que o Brasil estava esperando, que virou a imprensa brasileira, abriu a cabeça das pessoas e criou um novo estilo de comunicação.

Ziraldo — O *Pasquim* bangunçou o coreto da imprensa brasileira. Tanto que *O Cruzeiro* imediatamente me ligou e pediu: queremos todos os humoristas do *Pasquim* aqui. A *Manchete* passou a escrever em forma de dicas. Na verdade, nós mudamos a linguagem. Tiramos a gravata e o paletó da linguagem. Acabou aquele negócio do nosocômio, do indigitado criminoso. Acabou a belonave, o nosso querido diretor. Parou um pouco o semanário desta praça e o cara diz que navio é navio mesmo.

Jaguar — O Barão (Itararé) já tinha feito isto antes, mas acontece que ele não fez na hora certa. Isto é muito importante, uma espécie de loteria: você tem de fazer a coisa certa na hora certa. A coisa mais séria que eu já fiz em matéria de imprensa no Brasil foi a revista *Senhor*. Só que a *Senhor* estava muito na frente da época em que surgiu e quando fizeram a revista de novo aí já estava atrasada. O *Pasquim* deu a sorte que o Khomeini teve, por exemplo...

— **O** Pasquim **é a publicação de humor de vida mais longa no Brasil, não é mesmo?**

Ziraldo — Nossa sobrevivência é um milagre, a sobrevivência do nosso prestígio. O jornal pode estar ruim hoje, mas o prestígio permanece. Resistimos a 10 anos de cacete e viramos um símbolo de resistência. *Bondinho, Opinião* resistiram? Ninguém resistiu. Nós resistimos a tudo: destruição de originais, bomba na redação, censura prévia em Brasília, censura prévia com censor secreto, ameaças por telefone, por carta, prisões arbitrárias, 16 processos. E olhem que nenhum de nós é herói, é tudo cagão, com medo. A resistência da gente se deve principalmente ao Jaguar, que nos mobiliza tanto.

Jaguar — Sabe o que é? Eu tenho disciplina de bancário, 17 anos de Banco do Brasil, sem nenhuma falta. Então, quando começo uma coisa eu vou até o fim. Só tenho motor de arranque, não sei parar. E, depois, se nós fecharmos, vai ter muita gente satisfeita. Não queremos dar esse gosto a ninguém.

Ziraldo — O *Pasquim* vai dar uma entrada na década de 80 botando para quebrar, renovado, em *off-set*.

Jaguar — Vem aí o *Pasquim 80*, aguardem. Inclusive, eu já mandei fazer minha tanga...

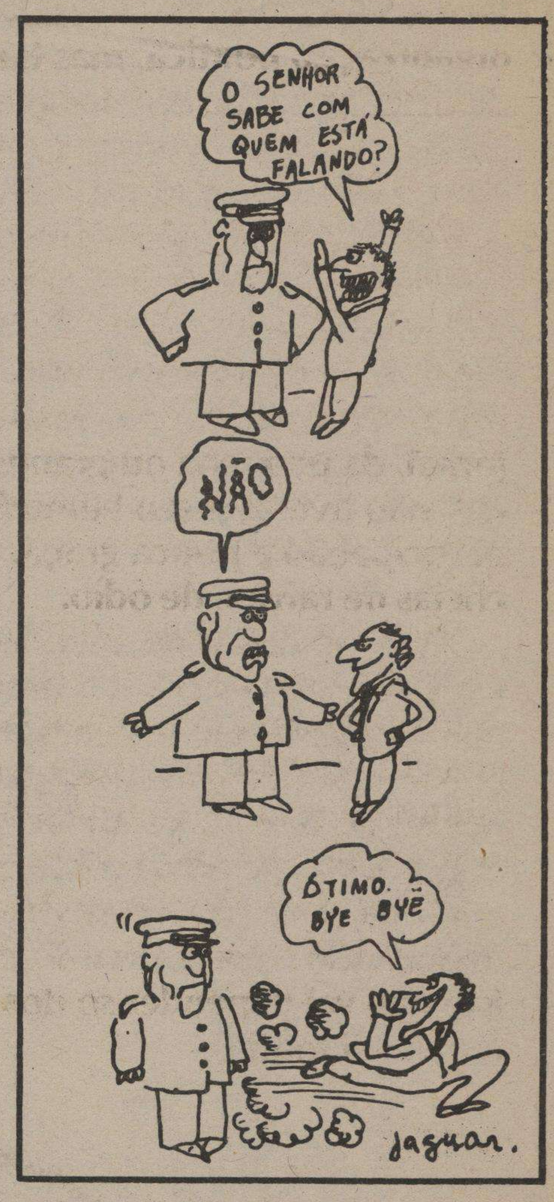
Quer dizer o que o jornal muda mesmo?

Jaguar — Os humoristas são uma espécie de urubus. Quando a coisa está ruim mesmo, a gente funciona melhor. Hoje, por exemplo, enfrentamos uma concorrência que eu considero altamente desleal. É o presidente Figueiredo. Toda semana ele diz uma piada melhor do que a gente consegue imaginar. O jornal de hoje (NR: dia 27 de novembro) tem um negócio em que o presidente diz que o racionamento vem aí, que devemos colocar o cavalo no arado e andar a pé, etc. Eu pergunto: mas eu que não tenho cavalo, o que faço? Ele tem cavalo. Eu já estou a pé, o que ponho no arado? Então, você veja bem, as pessoas pegam qualquer jornal do Brasil e morrem de rir.

De uns anos para cá, a grande imprensa começou a tratar de assuntos que antes eram exclusivos da imprensa alternativa. Vocês não acham que isto se reflete até no Pasquim?

Jaguar — É verdade. Agora que não dá mais cadeia, todo mundo ficou valente. A diferença é que, no primeiro *pum* que eles soltarem, volta todo mundo pro esconderijo e nós continuamos nessa de dar e levar porrada. A grande imprensa está levando vantagem com a abertura porque tem recursos, infra-estrutura, repórteres. Antes, as pessoas buscavam uma válvula de escape na gente. Agora, não tem mais isto. Você pega um jornalão desses e encontra matérias que não podemos publicar, porque não temos meios de fazer.

A gente sabe muito bem que não tem cacife para fazer certas coisas. Eles têm. Quem vai apreender o *Estado de S. Paulo* hoje em dia? Agora, repórter eles apreendem e o *Coojornal* dizem que recebe dinheiro dos Tupamaros. Aliás, a melhor coisa que podia acontecer a vocês foi essa acusação. No nosso caso acusaram de receber ouro de Moscou. Na nossa prisão, havia várias acusações. Uma delas é que eles não podiam entender como um jornaleco podia se sustentar. É simples: vendíamos 200 mil exemplares. Eles viraram o *Pasquim* do avesso e foi ótimo. Ficamos com uma espécie de atestado, de certidão negativa nos isentando de tudo.



Fevereiro de 71, nº 84

Ziraldo — Eles perguntavam pra gente na prisão: quanto é que você ganha? Aí a gente de raiva respondia: Cr$ 250 mil por mês. Eles diziam Porraaa! E perguntavam: Já foi à Europa? A gente respondia: dezenas de vezes. E eles: Porraaa! Você quer saber quantas mulheres a gente come por semana? Não dizemos porque senão você morre. Aí eles perguntavam por carro e nós dizíamos: eu tenho, minha mulher tem, o irmão tem, o pai tem e tudo foi a gente que deu. Mora em apartamento, quantos por andar? Só o meu. Tudo mentira, claro, mas eles ficavam putos da cara.

Jaguar — Agora descobrimos o esquema pra não entregar o ouro aos bandidos. O esquema do *Pasquim 80* acho que vai dar uma virada tremenda. Ainda não estamos **borocochô.** Vamos dar uma ajustada no jornal, porque a vida dele é muito parecida com a nossa, do Ziraldo e eu.

Ziraldo — O *Pasquim* não é um jornal pautado. É a cara da gente, o que estamos fazendo e pensando. O dia que o jornal sai ruim é porque estamos putos. Se sai alegre é porque estamos alegres. O *Pasquim* foi o jornal da resistência. A gente não sabia nem quem eram os inimigos. Estão por aí escondidos. Não nos humilharam, mas encheram nosso saco, irritaram a gente. E foram mais prepotentes do que se possa imaginar.

Vocês estabelecem as coisas em termos de década, por quê?

Ziraldo — Porque esta foi a década do humor. Os humoristas brasileiros venderam mais livros nessa década do que toda a ficção nacional junta. Estão aí o Veríssimo, o Millôr, o Novaes, o Jaguar, o Henfil, o Ziraldo, todo o pessoal do *Pasquim*. Vendemos mais de dois milhões de exemplares. Só a Codecri vendeu 700

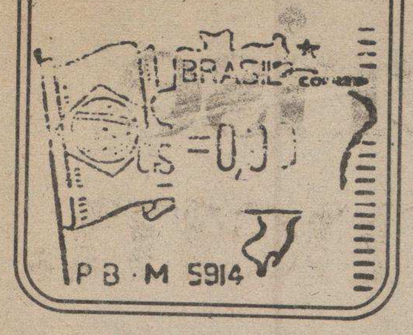




Março de 77, nº 400



CARTAS



na Europa, eles estão fazendo muito mal seu trabalho. Porque os fatos, tal como são narrados, não correspondem em absoluto ao processo que deu origem à entrevista realizada com ex-Tupamaros na França. Vou explicar por que.

1º — Houve realmente contato com uruguaios que pertenceram ao MLN-Tupamaros. Prova disto é a entrevista publicada no nº 34 do **Coojornal.** Portanto, não há nada secreto em se tratando de um contato profissional entrevistador-entrevistado. Isto faz parte do livre exercício da profissão de jornalista.

2º — Não conheço nem jamais ouvi falar de um cidadão brasileiro chamado João Quartin. Muito menos estive em sua companhia, em Paris, no mês de junho de 1978 (conforme o relatório do SNI) simplesmente porque nesta época encontrava-me em Lyon, em tratamento de saúde (conforme podem provar atestados médicos) devido a uma hepatite viral que me atingiu no fim do mês de maio, quando me encontrava em Cannes cobrindo o Festival de Cinema para o jornal *O Estado de S. Paulo.*

3º — Como já foi publicado no nº 46 do **Coojornal,** fiquei sabendo, por acaso, através de terceiros, que havia um pequeno grupo de ex-Tupamaros em Lyon. Como qualquer jornalista, eu "senti" a notícia e não reprimi o desejo de contatá-los para uma entrevista. Comuniquei a idéia ao **Coojornal** que imediatamente interessou-se pelo assunto e passou a insistir para que eu enviasse logo o trabalho.

4º — Os ex-Tupamaros pediram tempo para pensar. Finalmente concordaram em falar ao **Coojornal** explicando-me claramente que tinham interesse em atingir o Sul do Brasil pela sua proximidade com o Uruguai, para esclarecer suas novas posições. Minha intenção de fazer uma entrevista altamente reveladora de detalhes de uma guerrilha que abalou a América do Sul num determinado momento de sua história foi, neste sentido, frustrada. Eles queriam apenas fazer uma autocrítica pública.

5º — Entre o acordo de conceder a entrevista e a realização da mesma passou-se algum tempo. Dificuldade de reunir cinco ou seis deles ao mesmo tempo. De preparar o tema. Enfim, em setembro de 78, conseguimos nos reunir no apartamento de amigos em Lyon (e não em minha casa, como foi publicado) na presença de outras pessoas, de outras nacionalidades, que, com o desenrolar da entrevista, passaram a apresentar questões, criando-se um pequeno debate.

6º — A entrevista, que durou aproximadamente cinco horas, foi totalmente gravada. Em seguida, tirei-a da fita fazendo uma cópia em português (a conversação foi predominantemente em francês, passando ao espanhol cada vez que os uruguaios encontravam alguma dificuldade de expressão) entregando-a depois aos entrevistados para uma leitura geral, conforme entendimento prévio. Grande parte das respostas foram cortadas, restando do texto integral uma parte bastante reduzida que enviei ao jornal.

7º — **Coojornal** voltou a insistir, queria informações mais completas e suíte da entrevista. Mas os ex-Tupamaros, discretamente, passaram a evitar todo e qualquer contato jornalístico. Já haviam dito tudo que lhes parecia importante. Assunto encerrado. Não mais os procurei.

Era o que eu tinha a declarar.

Dos leitores, espero confiança, dos colegas, solidariedade, e das autoridades, justiça. Para a defesa de minha honra profissional e a de todos os jornalistas que já foram ou um dia serão, como eu, vítima de calúnia."

Zélia Dambrowski Leal, Lyon, França

Tempo, para curar feridas e cicatrizes

"O posicionamnto do **Coojornal** relativo à matéria "O Maior Racha na Oposição", expresso em seu editorial, me levou a certa apreensão quanto aos rumos que poderão ser tomados por este nosso jornal, costumeiramente tão correto na sua linha de oposição consciente e conscientizadora. Por isso, causou-me estranheza a maneira pouco hábil como foi encarada a recusa do ex-governador Leonel Brizola em manter um encontro com a reportagem do **Coojornal.** Parece-me que se trata de um legítimo direito democrático — ao menos naquela democracia que nós queremos, não é? — de quem se sentiu atingido diretamente através de uma matéria parcial, como foi o relato desta aventura inconseqüente, posto em prática, por um indivíduo desiquilibrado e com total falta de avaliação concreta da realidade brasileira, à época e, inclusive, hoje.

Quem sabe, ao invés do ex-governador se sentir "inatacável", não seriam vocês que estariam se sentindo "irrestíveis"? A negativa de uma entrevista pode ter sido demais para os brios dos companheiros, a ponto de gastarem um editorial inteiro — e grande — em lamúrias. Ou não? Existem ainda muitas feridas, muitas cicatrizes. Vamos dar tempo ao tempo e, principalmente, não fazer o jogo do sistema retaliando-nos.

Quanto ao prêmio Esso: quais seriam as intenções dessa grande multinacional, ao premiar uma reportagem que procura turvar a imagem de um homem que foi e é o símbolo de uma luta contra essas mesmas multinacionais? E publicado através de um jornal que, ao menos até hoje, sempre foi uma voz contra esses mesmos organismos? Um abraço."

Carlos Frederico Mentz, Porto Alegre, RS

"Profundamente ingrato o senhor Décio Freitas"

"O motivo desta é prestar total solidariedade à grande figura humana e intelectual de Paulo Schilling. Paulo Schilling foi desrespeitado publicamente pelo senhor Décio Freitas, ex-advogado de sua filha Flávia Schilling.

Freitas disse textualmente em suas declarações no jornal *Zero Hora* do dia 11 de dezembro: "Quando deixou o Brasil, em 1964, Paulo Schilling era um obscuro secretário de Leonel Brizola. Obscuro continua durante os anos de exílio. A súbita publicidade em torno do nome de sua filha, projetou-o nacionalmente. Assim compreende-se porque deseja retornar em companhia da filha."

Profundamente ingrato o senhor Décio Freitas,que também é historiador de certo conceito. Pois foi o "obscurso" Paulo, com sua influência na editora Nuestra America, que gestionou para a publicação do primeiro livro de Freitas, *Palmares, la Guerrila Negra,* em 1968.

O "obscurso" Paulo Schilling é também autor de vários livros e artigos tão lúcidos e verdadeiros sobre a situação brasileira, que temeu-se não fosse anistiado pelo regime.

Elmiro Schimit, Porto Alegre, RS

"Se não querem ajudar, por favor, não participem"

"Aqui no Rio e em São Paulo está funcionando a Coopertramo, que é uma cooperativa de motoristas de táxi e que está fazendo um trabalho muito bom. Os táxis têm serviço de rádio, ar-condicionado, etc. e o preço é o mesmo dos táxis comuns. Começou há uns quatro ou cinco meses.

Estou muito surpreso pelo fato de vocês, lado a lado com a imprensa atrelada ao sistema, terem silenciado sobre o fato. Se foi por falta de informação, está em tempo de corrigir...

Também estou esperando um trabalho deste jornal a respeito das greves recentes. Vê-se na imprensa trabalhos superficiais a respeito, mas de vocês espero coisa melhor. Por exemplo, hoje já se pode separar com facilidade os movimentos que foram autênticos dos movimentos em que os empregados foram usados como testas-de-ferro dos patrões (veja-se as greves de transporte coletivo).

Finalmente: a maioria dos jornais nanicos dedica páginas a discutir o "sexo dos anjos" do regime soviético, chinês, cubano, etc. Estão olhando para o cisco do olho deles e esquecendo da trave no nosso. A conjuntura mundial nos interessa muito, mas temos tanta coisa para arrumar na nossa casa... Lanço um apelo aos compatriotas. Por favor, vamos gastar o fósforo para resolver nossos problemas, ajudando a encontrar a solução para o nosso povo. Vocês são intelectuais mas continuam sendo eno-tupiniquins. E para que vocês conseguissem estudar e ter o nível de vida que têm, nós operários estamos suando forte. E o mínimo que podemos esperar de vocês é que não fiquem aí desviando a atenção do ponto mais importante."

Resumindo: se não querem ajudar, por favor, não participem!.

Eloi Bernhard, Rio de Janeiro, RJ

Obrigado!

Agradecemos e retribuímos as mensagens de Boas Festas recebidas de nossos amigos:

De Porto Alegre: Movimento Justiça e Diretos Humanos; Dep. Francisco Spiandorello; Câmara Riograndense do Livro; Marca Propaganda; João Adalberto Soares Behr; Dep. Carlos Giacomazzi, presidente da Assembléia Legislativa; Portaberta Publicidade Ltda.; Unidonto Porto Alegre; Banner Publicidade Ltda.; Régis Luiz de Souza; A. Brusa; Curso Pré-Vestibular Unificado; Vereador Marcos Klassmann; João Oswaldo Leivas Job, secretário da Segurança Pública; Escritório de Advocacia drs. Marco Túlio de Rose, Liliana de Rose e Elisabeth Flores; Graal Editora; Milton Galdino, assessor de Comunicação Social da Secretaria de Segurança; Sindicato das Empresas de Transporte de Carga do RS; Planus Artes Gráficas Ltda.; BK Controles Eletrônicos Ltda.; Lojas Renner; Ponto & Espaço Sistemas Integrados de Comunicação Ltda.; Pro-Graf; Reflexus Publicidade Ltda.; Grupo Habitasul; Sandra Terra; Banco do Estado do Rio Grande do Sul; Federação das Cooperativas de Carnes do RS; Federação das Cooperativas de Arroz do RS; Dep. Antônio Carlos Azevedo e Família; Telenge — Engenharia Elétrica e de Telecomunicações; Imcosul — Cia. Sul-Riograndense de Comércio de Eletrodomésticos; Emater-RS; Bulla Propaganda; Falk Publicidade Ltda.; MPM Propaganda; União dos Escoteiros do Brasil; Luiz Osvaldo Leite e Família; Clecy Flogliato da Silva; Auto-Gráfica Importação e Serviços Ltda; Ernesto Neugebauer S.A.; Empresa Gráfica Metrópole; Serifortes Ltda.; Chocolate Caseiro Gramado; Federação dos Contabilistas do RS; Banco Sulbrasileiro S.A.; Casa do Desenho; Fotogravura Schuck; Cia. T. Janer; Livraria Editora Pallotti; Proof Materiais Gráficos; Iwers; Ritter Hotel; Estaleiro Só S.A.; Telmo Souza Lima, diretor-presidente do Montepio da Família Aeronáutica Brasileira; Cooperativa de Serviços Secretariais e Similares da Grande Porto Alegre; Sociedade Paulista de Papéis; Jorge Gerdau Johannpeter; Clínica Dentária Infantil do Patinho; Federação das Cooperativas de Lã do Brasil; Associação Riograndense de Imprensa; Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do RS; e Fearroz — Corretora de Seguros.

Do interior do Rio Grande do Sul: Odonto Erexim; Rádio Sociedade Difusora A Voz de Bagé Ltda.; Bagé; Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Bagé; Severino Collares, Bagé; Cooperativa Tritícola Erexim Ltda.; Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda.; Cooperativa Sul Riograndense de Laticínios Ltda.; Pelotas; Distribuidora de Revistas e Publicações Safari, Rio Grande; Cotrijuí e Cotriexport, Ijuí; Cooperativa Agrícola Mista Santamariense Ltda. Santa Maria; Museu Antropológico Diretor pestana, Ijuí; Vianna, Bagé; N & A Propaganda e Marketing Ltda., Pelotas; Fernando Lopes Pedone, reitor da Fundação Universidade de Rio Grande.

De São Paulo: Livraria Pioneira Editora; Cláudio Lembo; Phoenix Publicidade; Dep. Luiz Carlos Santos; Cia. Moacir Pereira de Souza de Papéis; Gerência de Operações-Industrial da Gazeta Mercantil; e Equipe do jornal Versus.

Do Rio de Janeiro: Mário de Almeida e Cia. Ltda.; Vereador Antônio Carlos; Dep. Raymundo de Oliveira; Márcio Carneiro; José Trindade de Segadas Vianna; Revista Gandaia; Coronel Jefferson de Alencar Osório; Dep. Heloneida Studart; e Cooperativa dos Profissionais de Imprensa do Rio.

De outros estados: Paulo Roberto e Souza, Santos Dumont, MG; Cooperativa Integral de Reforma Agrária de Monte Alegre, Pará; Editora Brasiliense Livraria; DF; Movimento Matogrossense pela Anistia e Direitos Humanos; Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, Recife, PE; Universidade Metodista de Piracicaba, SP; Fundação de Desenvolvimeto Cooperativista e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais; CECM Empregados de Furnas Ltda.; Dep. Walmor de Luca, DF; OCB — A Revista Nacional do Cooperativismo, DF; Organização das Cooperativas do Estado de Pernambuco; jornal Hoje, Cascavel, PR; e Interlivros de Minas Gerais Ltda.; Belo Horizonte, MG.

As cartas para a redação devem conter nome e endereço completo do remetente para que sejam publicadas. Remeter para Rua Comendador Coruja, nº 372, Porto Alegre.

Se você mudou ou vai mudar de endereço...

Não esqueça de levar na mudança a sua assinatura do Coojornal. É só recortar o cupom, escrevendo o seu novo endereço, e enviar para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre, rua Comendador Coruja, 372 — 90.000 Porto Alegre.

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

Nome.....

End. Novo: ..... Nº .....

Bairro ..... CEP .....

Cidade ..... Estado.....

Profissão.....

Nem só de inflação, crise e problemas vive o homem.



É tanta complicação nesse mundo de hoje, que a gente fica meio neurótico. E esquece de viver, esquece a família, os amigos, as diversões. Pense um pouco em você. Pegue a família num fim de semana e vá conhecer Nova Tramandaí Zona Norte. Aproveite e compre um terreno. Depois você constrói uma casa como gosta, passa todo o veraneio tranqüilo e durante o ano, dá aquelas fugidinhas que só quem tem casa pode dar. Mesmo que você não vá a Nova Tramandaí Zona Norte, chame a Kury & Padilha.
Não dá mais é pra ficar olhando a vida passar.

Porque quando a gente só olha, a vida passa num vupt.

Nova Tramandaí Zona Norte. A irmã gêmea de Nova Tramandaí.

KURY & PADILHA
PROMOÇÕES E VENDAS LTDA.
Rua Mostardeiro, 266 - Fone: 22.4477 - P. Alegre
Rua Fernandes Bastos, 728 - Fone: 140 - Tramandaí

AMPLA



NÁSSARA/ ALVARUS

"O país está cada vez mais franksinistro"

"Estão americanalhando o Brasil". A frase — um veemente protesto — é de um dos maiores humoristas brasileiros, Aporelli, mas é constantemente usada por outro grande: o caricaturista Antônio Nássara, de 70 anos. "Veja só: todo dia você abre o jornal e só dá visita do Sinatra, do diretor americano tal. Em cada período de três linhas há pelo menos três palavras em inglês. Nosso país está ficando franksinistro".

Nascido em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, Nássara mudou-se ainda menino para Vila Isabel. Ali cresceu amigo e vizinho de Noel Rosa. É autor de sambas e marchinhas de carnaval, mas foi como caricaturista que se tornou famoso. Nunca foi um caricaturista engajado. "Na época da guerra tentei fazer alguma coisa antinazista, apesar de achar a Alemanha formidável como cultura. Aquela cultura alemã com K foi destruída e em seu lugar ficou esta cultura americana, que é muito pior".

Embora desengajado, o trabalho de Nássara sempre foi criticado. Ele praticamente surgiu com o Estado Novo e continuou fazendo suas caricaturas nos últimos 15 anos, agora não mais em publicações diárias, mas para um álbum que pretende editar, com "os piores de todos os tempos". Os *piores*, no caso, são os ditadores nacionais e estrangeiros, cujo número assusta Nássara, que não vê condições de terminar seu trabalho tão cedo.

— Agora mesmo estou esperando para ver como o Irã vai ficar, com este negócio do Xá e dos reféns. Vocês vejam que aí há um problema moral muito sério. Antigamente, só os miseráveis roubavam. Hoje, são os Estados Unidos que tomam dinheiro do Irã. O Khomeini é um fanático. Mexeu num formigueiro, mas eu acho que alguma coisa vai resultar disto tudo. Eu, por exemplo, perdi minha confiança no banco. Porque amanhã eu vou lá, brigo com o gerente e ele manda bloquear minha conta. É uma situação terrível.

Mas Nássara vê justamente aí uma espoliação para a firmeza do caricaturista. "Antes, tudo era manso. Agora, a gente criou uma crosta, já vive prevenido". Contrário a todas as ditaduras — "Até as religiosas, sejam cristãs ou islâmicas" — ele acha que os últimos 15 anos foram dos piores da história do Brasil. Só foram bons para a caricatura e o humor. "Apareceu *O Pasquim*, muito garoto virou grande desenhista. Também houve prisões, violência, mas é como eu digo: por mais espertas e orientadas que sejam as ditaduras, por melhores que sejam os Farahs da vida, eles acabam sempre perdendo"

"A pior época para a caricatura foi o governo Médici"

É preciso sair de cena na hora certa, para não correr o risco de repetir-se. Foi pensando assim que Álvaro Cotrim, o Alvarus, deixou a caricatura e o humor, de que ele foi um dos maiores nomes no Brasil, nas últimas décadas. Deixou a cena mas nos bastidores continua desenvolvendo um trabalho dos mais importantes: Alvarus possui uma biblioteca de humor. Pesquisa os autores, faz levantamento de épocas e, desta forma, vai acumulando conhecimentos que o transformaram, aos 75 anos, num especialista da matéria.

— Esta biblioteca é a minha vaidade, mas eu não sei se ela está sendo feita para os meus, para o Brasil, porque aqui ninguém se interessa pela cultura. Nenhuma organização vai querer comprá-la: não tem muita gente que entenda isto ou tenha dinheiro para estas coisas. E eu temo que ela termine sendo vendida para o estrangeiro.

Noventa por cento da biblioteca de Alvarus são formados por caricaturas. "Aí eu incluo o meu ídolo artístico, o Daumier (francês), que me levou a escrever um livro sobre ele, quando descobri uma caricatura que fez do Dom Pedro I. Mas há muito trabalho de gente jovem. Por exemplo, estes dois irmãos gêmeos de São Paulo, que são arquitetos e caricaturistas, o Chico e o Paulo Caruso. O número de charges do Chico que eu tenho recortado é muito grande. O trabalho dele no *Jornal do Brasil* é excelente, das melhores coisas que se faz hoje no país".

Da mesma forma como elogia o trabalho de Chico, Alvarus faz sua crítica aos demais caricaturistas. "O desenho está para a caricatura assim como o esqueleto está para o corpo. Tem que ter uma base, não é o desenho bonitinho não. Mas tem uns que parecem queijo da serra da Estrela no verão, quando ele se desmancha todo. Tem que botar o nome em baixo, senão ninguém sabe quem é. A caricatura deve falar por si. E dispensa, necessariamente, o excesso de legenda".

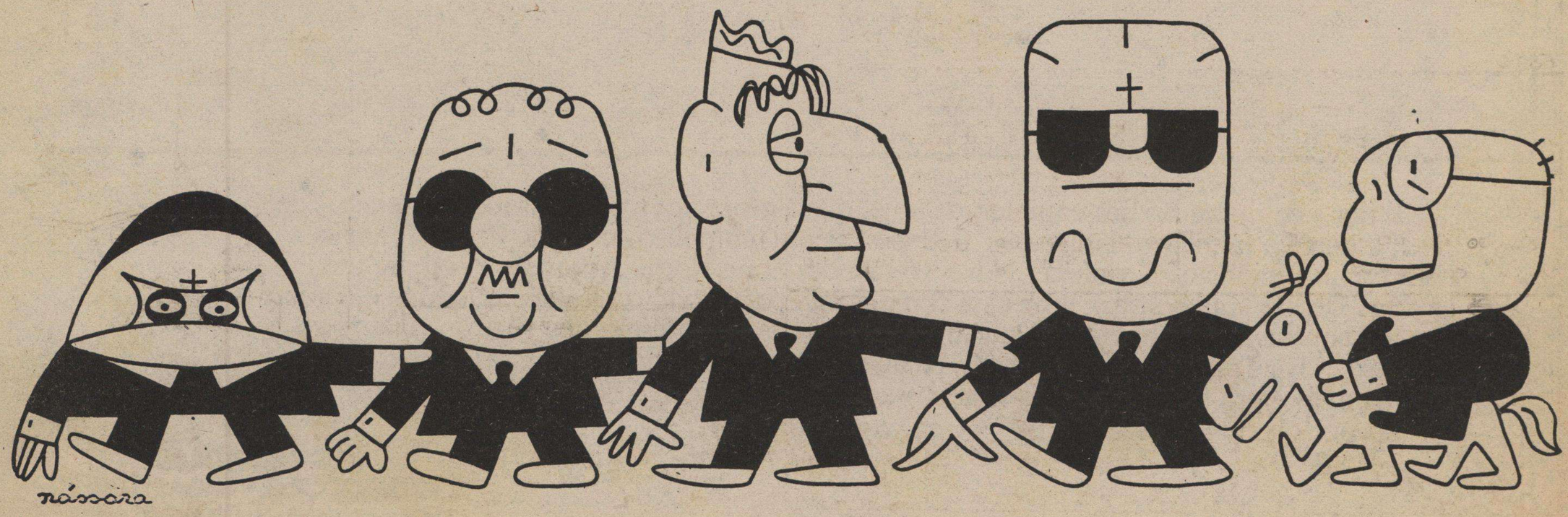
Alvarus analisa a caricatura brasileira dos últimos 15 anos e conclui que ela entrou mesmo num período de sombra no governo do general Médici. "Havia caricatura no tempo do Castelo Branco e do Costa e Silva, mas o Médici eu não me lembro de ter visto caricaturado. Eu mesmo cheguei a fazer uma caricatura do Costa e Silva. E o Costa, almocei um dia com ele, quando ainda era ministro. Eu perguntei: 'Ministro, que tal tirar estes óculos?' E ele me respondeu: 'Tirando os óculos vai prejudicar a caricatura'. E o Costa, que sempre foi ridicularizado porque não era inteligente, coisa e tal, me deu esta resposta que eu acho inteligentíssima: 'Eu prefiro que vocês fixem meus óculos a fixarem minha espada'."

Quando afirma que o período de Médici foi o mais sombrio dos últimos 15 anos, Alvarus busca imediatamente o exemplo histórico. Compara esta época à Primeira República. "Depois do governo do Deodoro da Fonseca veio o Floriano Peixoto que, realmente, tinha uma vocação de ditador e se defendeu fazendo misérias contra os intelectuais. Você veja que nem o Floriano nem o Médici foram glorificados pela caricatura".

Hoje, Alvarus acha que não existe propriamente uma abertura no país: "Só uma fresta". Mas também afirma que, se o historiador hábil se der ao trabalho de ir colecionando o material que se publica sobre o general Figueiredo, principalmente as caricaturas ligadas ao *hobby* dele, que é a equitação, amanhã poderá ser feito um álbum igual ao que o Herman Lima fez com o Ruy Barbosa. Este material será tão preciso como o que existe sobre outro militar que fez História, o marechal Hermes da Fonseca.

E Alvarus explica: "Hermes foi candidato à Presidência em oposição ao Ruy Barbosa que, além de civil, era um mito. Então era o militar contra o civil endeusado pelo Brasil inteiro, numa luta política muito intensa, que terminou ganhando os jornais da época, através da caricatura. O tipo físico do Hermes também se prestava para isto, idem o do Ruy. E houve aquela coincidência de que o Hermes ficou viúvo em pleno governo e logo se casou de novo. Aquela história do noivo se prestou muito ao trabalho dos caricaturistas. Houve uma charge que ficou muito famosa e ela era até agressiva. Mostrava o Hermes fardado com a espada de um lado e a noiva do outro, com a legenda: "Entre duas virgens". Caricatura é História e a do Brasil está toda escrita através da caricatura. Eu mesmo tenho um álbum, *Hoje Tem Espetáculo*, com um trabalho sobre o Getúlio que até ele veio falar comigo".

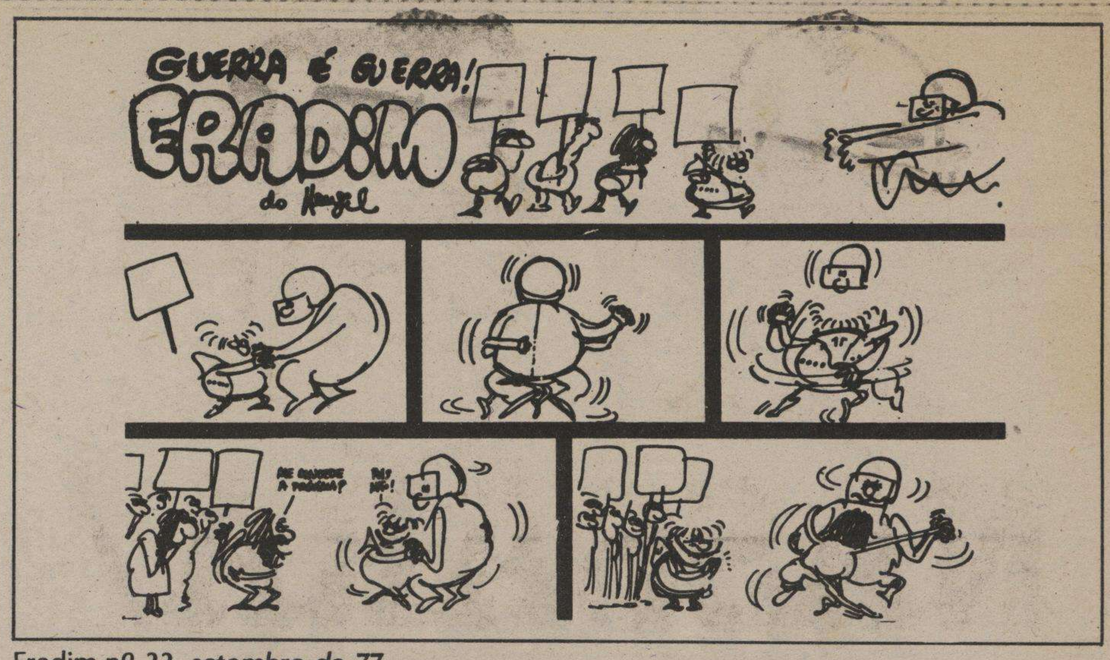
Apesar dos elogios que faz à nova geração de caricaturistas, Alvarus acha que ela ainda não deu nenhum J. Carlos, que ele considera o maior caricaturista da República. "O que mais se aproxima dele, pela qualidade e quantidade, é o Ziraldo". E, por falar em Ziraldo, Alvarus considera *O Pasquim* um fenômeno editorial no Brasil. "Não chega a levar um ministro ao suicídio, como fez há pouco aquele jornal satírico na França. Mas é um jornal desenvolto que mostra a vitalidade e capacidade dos jovens. Quando eles começaram, ninguém acreditava que aquilo passaria de um mês e hoje já tem 10 anos. Um dia ainda se escreverá seriamente sobre o *Pasquim* e o que ele representou neste período todo".



Corrente Para Trás, trabalho que integrará o próximo lançamento em livro de Antônio Nássara



HENFIL



Fradim *nº 22, setembro de 77*

"A abertura veio fechar nosso espaço na grande imprensa"

Henrique de Souza Filho — Henfil — tornou-se tão importante para o humor brasileiro dos últimos 15 anos que virou personagem nacional. No ano passado, o país inteiro cantou com Elis Regina: "Meu Brasil/Que Sonha/ com a volta do irmão do Henfil/ Com tanta gente que partiu/num rabo de foguete..." (*O Bêbade e a Equilibrista,* de Aldir Blanc e João Bosco).

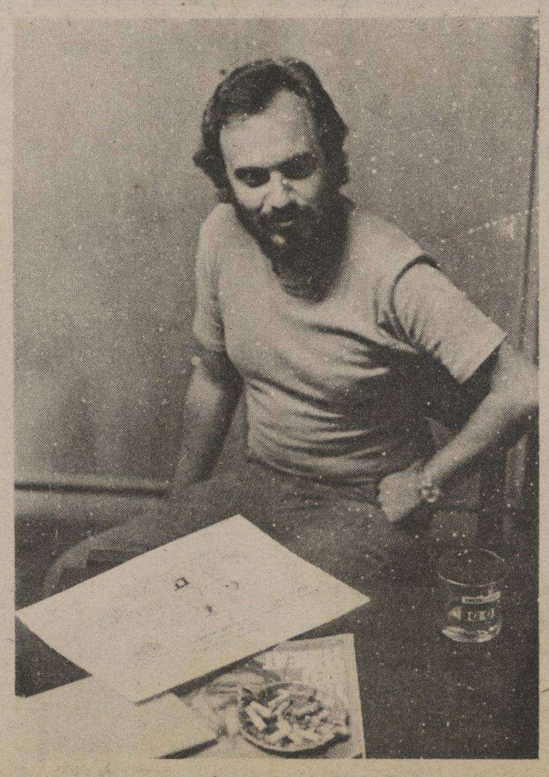
A música virou uma espécie de hino da anistia e lá no meio estava o nome do Henfil. A história, porém, começou muito antes, em Belo Horizonte, 1964. Naquela época, ele ainda não pensava em fazer humor, mas já desenhava. "Fazia uns bonecos muito ruins e estava no meio estudantil. Precisava de uma forma de expressão para fazer propaganda das eleições nos centros acadêmicos". O irmão era dirigente nacional da Ação Popular e Henfil queria estudar sociologia.

Após o golpe de 64, o irmão ingressou na clandestinidade e a sociologia virou uma profissão sem futuro. Foi aí que Henfil começou a desenhar com uma outra perspectiva de vida. A época era de sufoco: "Não precisava censura prévia porque tudo aquilo que era contra o movimento de março era cortado pelas editorias nos próprios jornais. Mesmo assim, descobri uma maneira de continuar falando das coisas. Fazia muitos cartuns sobre a guerra do Vietnã e, inclusive, deu para popularizar o Viet-cong no *Diário de Minas*".

Esta experiência não durou muito tempo. "Procurei o *Jornal dos Sports* e me ofereci para fazer cartuns. Percebi que havia ali a chance de criar alguns personagens que representassem as torcidas. Era o Refrigerado representando a torcida do Cruzeiro e o Urubu a do Atlético. Era uma forma de levar os problemas sociais, que não podiam ser colocados diretamente. O Urubu era a Força Atleticana de Ocupação (FAO), que existe até hoje, e o Refrigerado era o burguês. Era um tipo de luta de classes".

O interesse não estava no jogo, no esporte. "Eu fazia histórias sobre a briga das torcidas e uma torcida muito especial, que era a brasileira. Me interessava a situação política e econômica. Este era o meu jogo". Em seguida, Henfil estava no *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro, fazendo as torcidas dos clubes cariocas, com personagens como Cricri, Urubu, Bacalhau, Pó de Arroz, Gato Pingado. E com a República Popular de Ramos em luta contra Ipanema Beach: a massa contra a elite.

"Isto me deu uma projeção muito grande e chamou a atenção do grupo que lançava o *Pasquim*. Não podia fazer os personagens das torcidas e ofereci os fradinhos, já com outro tipo de colocação. Na época, falar eca era um atentado violento aos costumes, bicha a mesma coisa. E o Fradim fazia tudo isto, mais o *top-top*. Depois vieram o Zeferino, a Graúna, o Bode Orellana no *Jornal do Brasil*. E, mais recente, a *Isto É*, onde, ajudado pela abertura, eu comecei a carta da mãe, num diálogo direto com a ditadura, com o presidente".



"A pessoa que desenha é mágica"

Como Henfil gosta de explicar, 64 frustrou uma série de coisas em sua vida: a sociologia, o convívio das pessoas que ele gostava e foram para a clandestinidade ou para fora do país. "Então, eu fui para a oposição possível e fiz o caminho possível, que no meu entender não era a luta armada nem a clandestinidade, mas o humor armado". A repressão ao humor ele explica da seguinte maneira: "Na nossa sociedade subdesenvolvida, a pessoa que desenha é mágica. E a repressão tem um certo medo de mexer com esta pessoa, por causa disto. É um negócio meio filosófico, não tenho muita certeza disto".

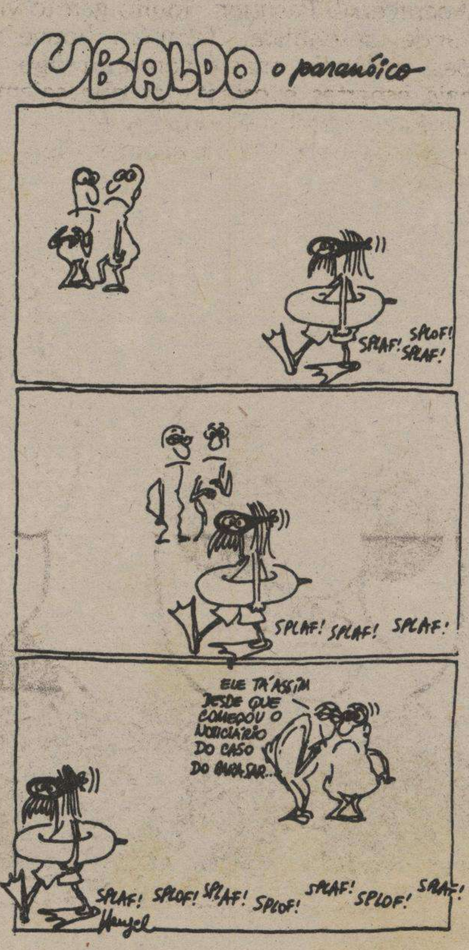
E Henfil continua: "O brasileiro quando leva uma gozação não pode ficar brabo, pega mal. É o que se chama de falta de esportiva. Só se pode responder pela gozação. Vocês vejam que todos os processos do *Pasquim* foram por textos, coisas escritas. Nunca falavam que era por causa de uma charge, um cartum. Eles ficavam constrangidos de processar um jornal humorístico. E, no fundo, o que eles queriam era atrair a gente para a luta armada, onde eles eram mais fortes e aí podiam nos destruir".

Para Henfil, a abertura do governo encerra um capítulo da história do humor na grande imprensa brasileira. "A grande imprensa, para mim, é veículo da grande empresa: Só propaganda. Então eles fizeram um pacto com a gente, para que nós brigássemos contra o governo por eles, criticando a política econômica, coisa e tal. Mas agora que a situação abriu é cada um para o seu lado. Eu avisei numa entrevista para o *Coojornal* que a situação ia mudar, a nossa unidade ia terminar e é isto que está acontecendo. Eu, por exemplo, já fui despedido de cinco jornais onde trabalhava".

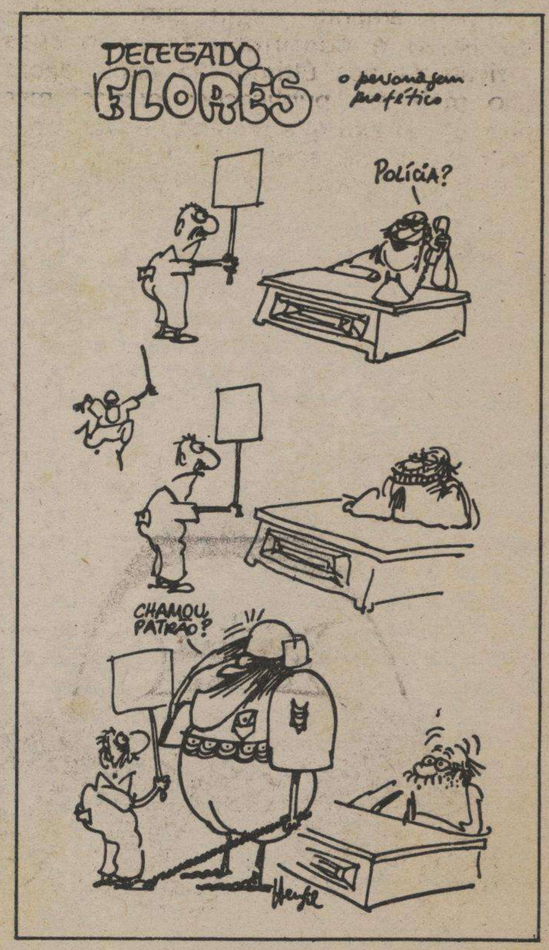
Nesta nova etapa da luta, Henfil considera que é obrigação do cartunista continuar defendendo a causa do povo. "Mas nós não precisamos pedir emprestado o veículo do inimigo, que é o grande jornal, para dizer uma coisa a nosso favor. Devemos ir para os jornais dos sindicatos. Se todos os sindicatos do país fizerem jornais, teremos a verdadeira grande imprensa brasileira: 40 milhões de exemplares, correspondentes à população economicamente ativa, segundo o IBGE. Aí haverá espaço para os cartunistas, para os jornalistas, que terão de fazer estas publicações. Não é só o mercado de trabalho que vai aumentar: os jornais ficariam sensacionais. E nós deixaríamos de trabalhar para os patrões para trabalhar para nós mesmos, para a nossa classe assalariada".



Jornal da República, *dezembro de 79*



Isto É *nº 66, 1978*



Isto É *nº 148, 1979*



MILLÔR

No desenho e no texto, ele foi o mais combativo

Millôr Fernandes não gosta de dar entrevistas. A um repórter que insistia com ele, perguntou, certa vez: "Sair no jornal, por quê? Será que cometi algum crime?" Na maioria das vezes, porém, ele termina admitindo que o interesse jornalístico tem fundamento e concede a entrevista. Nem sempre: para o suplemento de humor do **Coojornal,** Millôr não quis falar. O que não diminui em nada o respeito e admiração que nos inspira.

Para a revista *Veja*, ele cria todas as semanas duas páginas do melhor humor nacional. E se assina Millôr — enfim, um escritor sem estilo. O estilo, porém, existe e resulta da dedicação com que o autor trabalha as palavras 12 horas por dia, lidando com elas das oito da manhã às oito da noite, há 37 anos.

É o humorista mais famoso do Brasil. E também o mais persistente dos últimos 15 anos, tendo sofrido na pele os rigores da Censura — no *Pasquim*, em *Veja*, na revista *Pif-Paf,* que ele fundou em 1964 e durou apenas oito números, hoje avidamente perseguidos por colecionadores, já que encerram um dos capítulos mais importantes da história do jornalismo de humor no país.

A projeção no Brasil inteiro começou em 20 de janeiro de 1945, quando Millôr escondido sob o disfarce de Vão Gôgo, uniu-se ao desenhista Péricles e juntos lançaram *O Pif-Paf*, seção de duas páginas na antiga revista *O Cruzeiro*. Com a morte de Péricles, Millôr passou a ilustrar seus textos, tornando-se a estrela única do *Pif-Paf*. Quando isto aconteceu, a circulação e venda de *O Cruzeiro* já havia disparado, atingindo o índice nunca superado por qualquer outra publicação nacional: 750 mil exemplares semanais. A crise provocada por um trabalho intitulado *A Verdadeira História do Paraíso* levou Millôr a deixar a revista, em setembro de 1963. *O Cruzeiro* perdeu seu último atrativo: por esta época, a decadência da revista já era indiscutível.

Millôr, porém, seguiu em frente. Criou *O Pif-Paf,* revista de vida efêmera mas muito brilho, foi um dos fundadores do *Pasquim*, entrou para *Veja* e firmou-se como autor de teatro, ofício que tem lhe proporcionado algumas brigas com críticos e grandes êxitos de público. A última peça, *É,* foi chamada de antifeminista e reacionária, mas completou em novembro a milionésima apresentação, tendo sido vista por mais de 400 mil pessoas, somente no Rio e em São Paulo.

Aprendizado, influências? A maior admiração de Millôr é por Bernard Shaw. Não cabe, porém, falar em influência. Ele admite que o mais correto talvez seja confluência. Millôr costuma citar conceitos de Shaw diluídos em verdades do cotidiano. É do autor inglês que vem a sua fascinação pelo jogo de palavras e a certeza de que, no teatro, o elemento mais importante são os diálogos.

A opinião de Millôr sobre seus dramas não é muito boa. Sobre as comédias, porém, é a melhor possível. Ele considera *Um Elefante no Caos* uma grande peça e lembra que a estrutura de *Computa Computador Computa* é muito semelhante à de *Esperando Godot,* de Samuel Beckett. Millôr define-se como um intelectual independente. O exercício do humor não lhe permite acolher palavras de ordem de qualquer gênero. Ele não pertence a nenhum partido e





Pif-Paf *teve somente oito números. Hoje ainda é possível admirar-se da audácia de suas piadas*

A revista Pif-Paf chegou às bancas em maio de 64, apenas um mês depois do golpe

ataca a esquerda e a direita sempre que acha necessário. Desta forma, torna-se incômodo para as duas.

Já foi preso e interrogado no Dops, e foi após a publicação de um trabalho que ele fez contra a tortura que *Veja* teve de submeter-se à censura prévia. A esquerda também não o poupa: Millôr vê aí um complô contra ele. Diz que a esquerda procura apagar seu prestígio, desvalorizar sua contribuição artística. O Partido Comunista não permite que alguns de seus nomes sejam atacados em nenhum jornal. Certas figuras são tabu na imprensa. Por isto, Millôr acusa: "A direita tem uma extrema má consciência. A esquerda não tem nenhuma".

A circunstância de ser um homem bem-sucedido não altera sua visão amarga. Ele lembra que tudo o que possui resultou do seu trabalho, sem concessões. Poderia ser um homem mais rico, se concordasse em fazer publicidade, por exemplo, mas na sua maneira de ver, isto seria transigir. Millôr preocupa-se muito com coisas fundamentais, como a dignidade. "Se não estabelecermos alguns princípios fundamentais para nós mesmos, acabaremos distraidamente batendo a carteira do próximo. É isto que já está acontecendo no Brasil".

No *Decálogo do Verdadeiro Humorista,* publicado ainda nos tempos de *O Cruzeiro,* Millôr afirmava que o humorista "é completamnte sem graça. Não pode ser confundido com comediantes, jograis nem com políticos situacionistas". Foi com este mesmo espírito que ele considerou Dinarte Mariz, José Bonifácio e Gustavo Corção os maiores humoristas brasileiros de 1977, numa época particularmente tensa do projeto de distensão do general Geisel.

Ele não elogia a abertura do governo, mas reconhece que muita coisa mudou. "Não é só no humor, não. Mas o tipo de liberdade que o humorista tem hoje pode ser vista na minha seção de *Veja*, no *Pasquim* e outras publicações. Nunca fiz autocensura. Era natural que, havendo Censura, eu fosse visado. Hoje publico tudo o que escrevo. Ainda há repressão, mas que houve uma abertura, não há dúvida".

Homem de mil instrumentos, que muitos consideram gênio e tem, no mínimo, uma mente privilegiada e brilhante, Millôr recorreu no passado a múltiplos disfarces: ele já foi Emanuel Vão Gôgo, Milton à Milanesa, Volksmillôr e Patrícia de Queiroz. Esta confusão de identidade tem origem, talvez, num episódio da sua vida: o pai registrou-o Milton Viola Fernandes e só anos mais tarde descobriu-se que o nome no documento, por um equívoco do escrivão, era Millôr e não Milton.

A formação foi de classe média, numa casa de amplo quintal arborizado, onde Millôr cresceu com os três irmãos — um deles o futuro jornalista Hélio Fernandes, da *Tribuna da Imprensa*. Os anos difíceis vieram com a morte dos pais, mas aos 19 anos, superando as dificuldades, Millôr já recebia um alto salário em *O Cruzeiro,* o equivalente ao que recebe hoje em *Veja*.

Seu cotidiano é metódico. Acorda cedo, no amplo apartamento da avenida Vieira Souto, no Rio, vai à praia e faz exercícios para manter a forma: sua frustração é não ter-se tornado um grande atleta. Depois, tranca-se no estúdio, que não fica distante do apartamento. E lá fica o dia inteiro: escreve textos, desenha, pesquisa. Entre a pena e o nanquim, Millôr ainda não decidiu a grave questão: afinal, será o nosso Bernard Shaw, dedicando-se só ao texto, ou quem sabe o nosso Saul Steinberg, aperfeiçoando o desenho?

A questão já estava no ar numa reportagem de várias páginas que *Veja* lhe dedicou em 1972, por ocasião do lançamento de *Trinta Anos de Mim Mesmo.* Millôr deixa a resposta para os outros. Pessoalmente, continua buscando a autencidade, mesmo tendo certeza de que, no momento em que alguém está sendo mais profundamente autêntico, ainda assim está falsificando. "Não há nunca fundo. Todo fundo é falso".

Claudius em cana.



OBRIGADO À DOPS

Ou

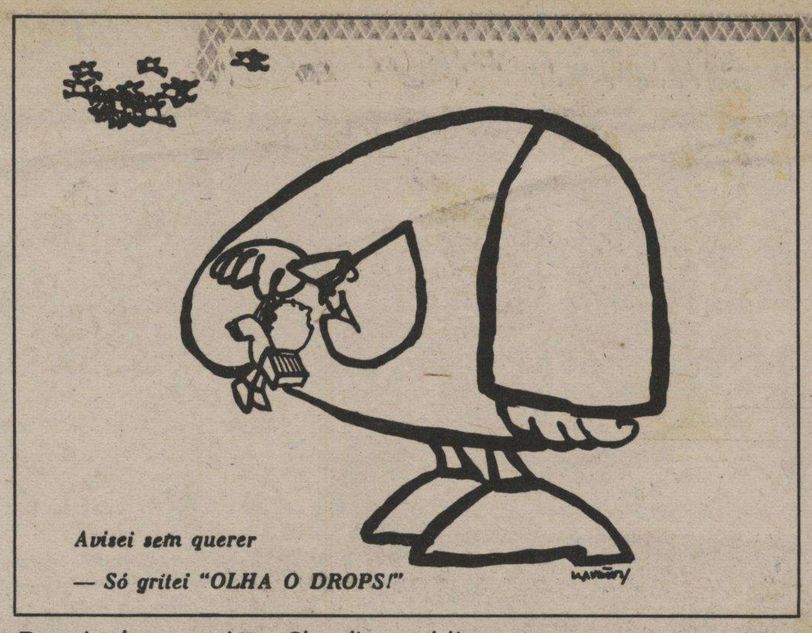
Nós também somos presos

PEDIMOS perdão aos nossos leitores por gastar êste espaço em assunto pessoal. Estávamos escrevendo as regras do Jôgo da Democracia, aí na coluna ao lado, quando soubemos da prisão de Claudius Ceccon, nosso jovem companheiro, amigo e colaborador. Por isso paramos de escrever as regras do Jôgo da Democracia e começamos a redigir esta nota, pois, a cada dia que passa, parece que mais e mais vão-se tornando inúteis regras para essa espécie de jôgo.

Claudius, junto com Ziraldo, Jaguar, Fortuna e Millôr, encontravam-se, num domingo, em casa do último, quando Claudius recebeu um telefonema da sogra exigindo sua imediata presença em casa. Tratava-se apenas de uma falsificação tola de um funcionário da DOPS (tola porque Claudius pode ser encontrado a qualquer hora, sendo um homem de hábitos domésticos e previsíveis) que na certa descobrira a tradicional ligação humorista x sogra, e resolvera explorá-la contra o humorista.

Assim, acabam de prender também um humorista! Assim, estamos desagravados. Pois parece que até agora só mesmo a nosa pretensiosa classe não tinha seu mártir. Pouco a pouco a engrenagem vai-se desgastando, à medida que se enreda em inocentes, em independentes, em simples inconformistas. Obrigado à DOPS, que afinal também se lembrou de nós. Esperamos que a família de Claudius — mulher, filho, pais, irmãos — possa ver com a mesma sadia compreensão e o mesmo sorriso de satisfação nos lábios o seu jovem chefe ser levado de casa numa emboscada para uma breve temporada de incomunicabilidade e terror.

O episódio da prisão do humorista Claudius motivou Millôr a escrever este amargo agradecimento ao Dops



Depois da sua prisão Claudius publicou este cartum no Pif-Paf



A condenação da tortura levou à censura prévia em Veja

I / Estamos convencidos de que o pior da nossa Democracia é que ela acaba sempre na mão dos democratas.

II / Precisamos rever todos os princípios da Justiça Brasileira. Nossa Justiça anda tão complicada, tão cheia de burocracia, que dentro em breve ninguém mais terá coragem de ser malfeitor.

III / Pretendemos meter o nariz exatamente onde não formos chamados. Humorismo não tem nada a ver e não deve absolutamente ser confundido com a sórdida campanha do "Sorria Sempre". Essa campanha é anti-humorística por natureza, revela um conformismo primário, incompatível com a alta dignidade do humorista. Quem sorri sempre ou é um idiota total ou tem a dentadura mal ajustada.

IV / Nossa intenção básica é fazer com que os homens de bem se arrependam.

MF.

V / Os comunistas são contra o lucro. Nós somos apenas contra os prejuízos.

VI / Jamais esqueceremos o fundamental: Da vida ninguém escapa.

VII / Procuraremos mostrar que êste país não pode melhorar enquanto o govêrno gastar todo o seu dinheiro na propaganda da rôsca e a oposição colocar todo seu esfôrço na condenação do furo.

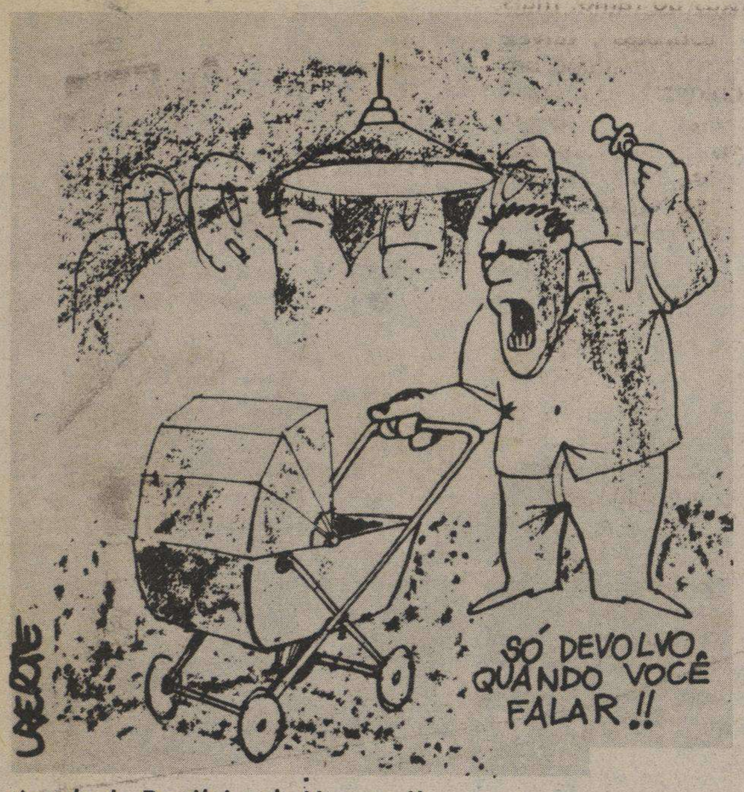


VIII / Esta revista será de esquerda nos números pares e de direita nos números ímpares. As páginas em côr serão, naturalmente, reacionárias, e as em prêto e branco populistas e nacionalistas. Todos os comerciantes e industriais que não anunciarem serão olhados com suspeitas pois "quem não anuncia, se esconde".

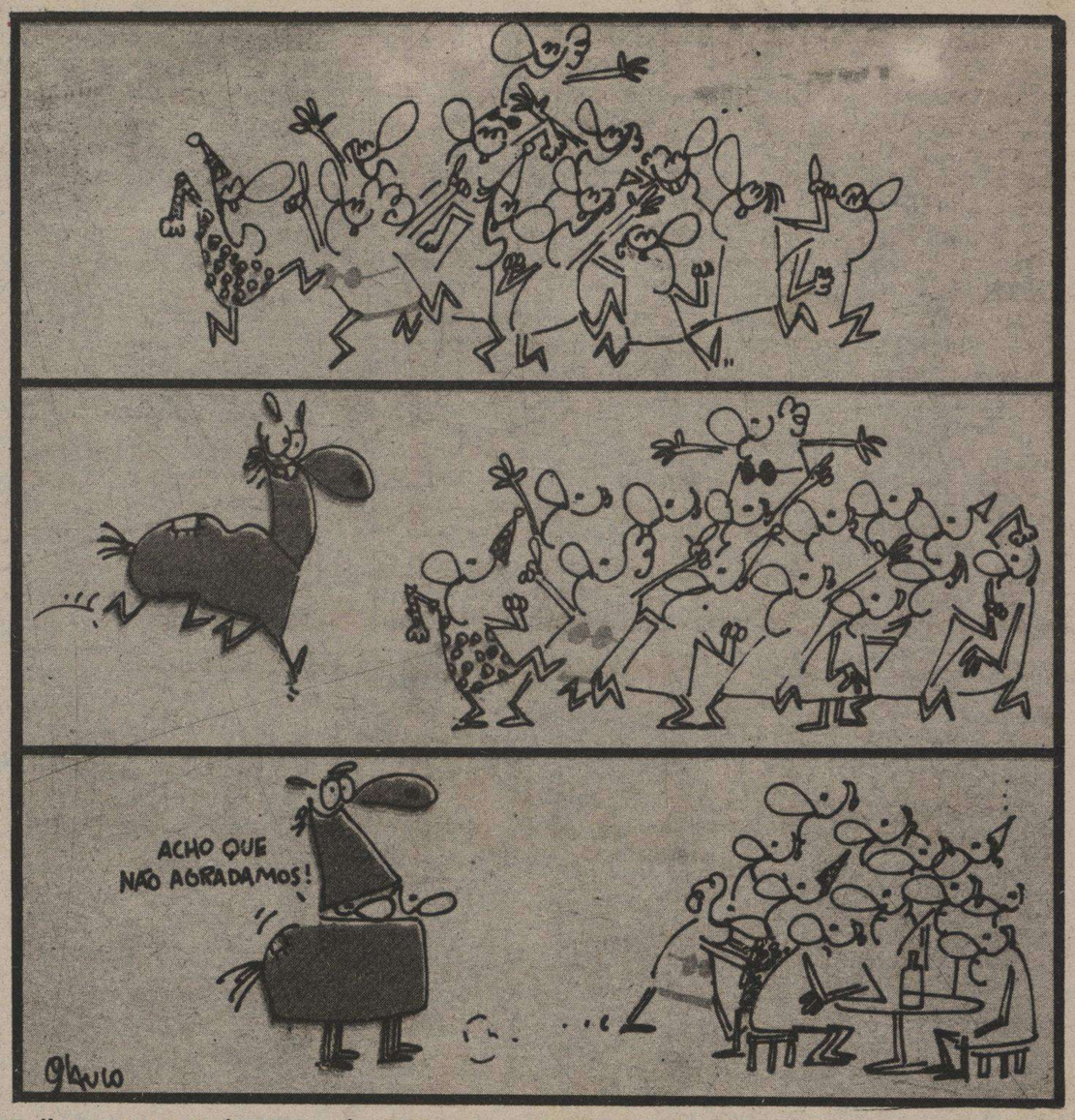
IX / Devemos rever tudo pois estamos seguros de que mais vale um pássaro voando do que dois na mão, cão que ladra só não morde enquanto ladra, e, se o hábito não faz o monge, contudo fá-lo parecer de longe. Por isso a cavalo dado deve-se olhar os dentes com atenção redobrada.

X / TODO HOMEM TEM O SAGRADO DIREITO DE TORCER PELO VASCO NA ARQUIBANCADA DO FLAMENGO.

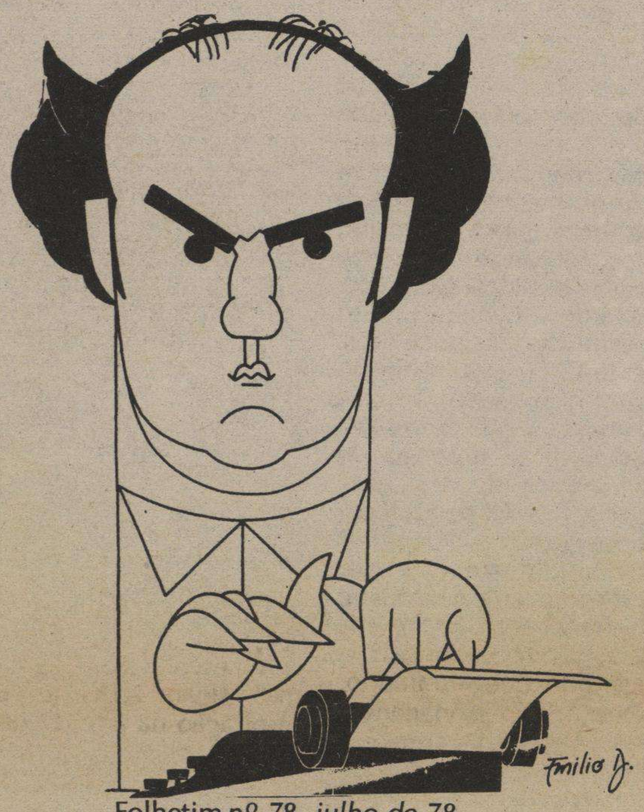
No último número de Pif-Paf *a crítica de Millôr à dificuldade de ser democrata na ditadura brasileira*



Antologia Brasileira de Humor, II



Folhetim *nº 110, fevereiro de 79*



Folhetim *nº 78, julho de 78*

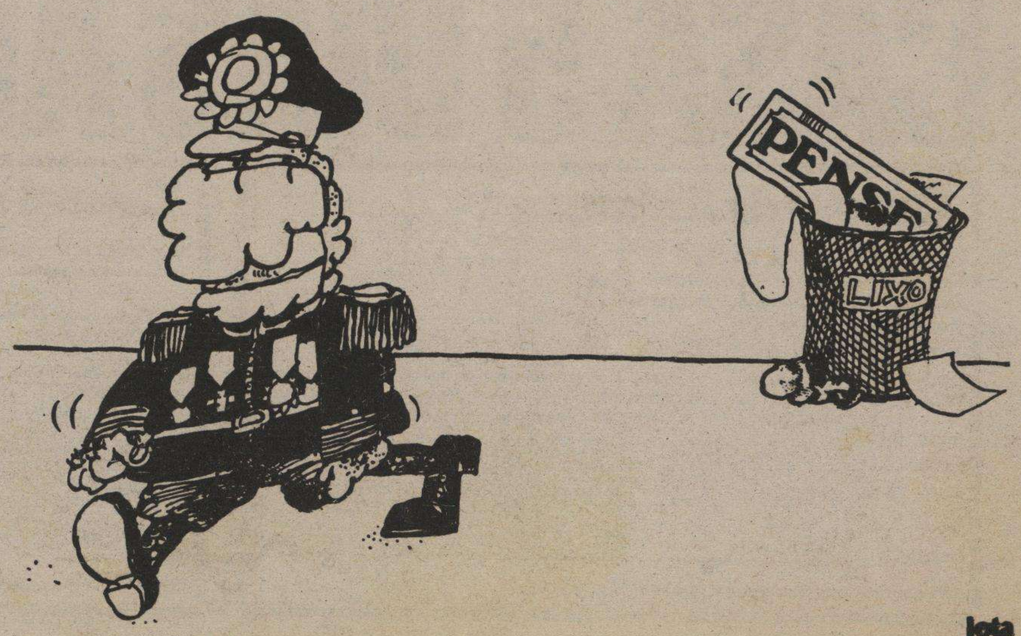
Nuvem atômica pode chegar até polígono das secas



Folhetim *nº 35, setembro de 77*



Antologia Brasileira de Humor, I



Antologia Brasileira de Humor, I

jota



VERÍSSIMO/ FRAGA/ VASQUES

"Temos que dar ao público coisas mais engraçadas"

São os três maiores nomes do humor no Rio Grande do Sul: Luís Fernando Veríssimo, um escritor de cobras e lagartos; Edgar Vasques que conseguiu projetar no Rango todo o problema da opressão latino-americana; e José Guaraci Fraga, o Fraga, homem das bugigangas e dos haikais. Os três reuniram-se com a repórter Angélica de Moraes num sábado de dezembro à tarde, em casa de Veríssimo. E foi ali, entre latidos de cachorros e crianças brincando, na mesma casa habitada pelo velho Érico, no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre, que analisaram o *boom* humorístico no Rio Grande e no Brasil nos anos 70.

É estranho observar como a última década, não tendo sido nada engraçada para os brasileiros, assinalou o surgimento do maior número de humoristas da história do país. Foi um fenômeno nacional: de repente, toda a grande imprensa brasileira estava abrindo seus espaços para que os humoristas desfechassem seus ataques contra a política econômica do governo de exceção instalado pelo golpe de 1964. Henfil tem uma explicação para o fenômeno (ver página oito). No Rio Grande do Sul, ele aconteceu na austera Companhia Jornalística Caldas Júnior, mais exatamente no jornal *Folha da Manhã,* onde Vasques e Fraga editaram durante dois anos, de 1973 a 75, um suplemento intitulado Quadrão.

Era a época de sufoco do governo Médici e *Folha da Manhã* desenvolvia uma linha inusitadamente crítica em relação ao chamado milagre brasileiro. O público gostou, o jornal dobrou de circulação e uma das seções preferidas era justamente *O Quadrão,* que saía aos sábados. Nos demais dias, Veríssimo e Fraga com suas colunas e Vasques com a tira do Rango, defendiam o humor da *Folhinha,* como era chamada pelos leitores. Em 1975, Fraga foi demitido ao final de uma disputa entre a redação e a direção, Veríssimo passou para o principal jornal concorrente (*Zero Hora*) e Vasques demitiu-se quando houve uma mudança de secretário de redação, com reflexos na linha editorial. Hoje, a grande preocupação de Vasques é negar que o sufoco pode ter sido positivo, apenas porque permitiu o surgimento de um maior número de humoristas.

Vasques — Se por um lado a Censura pode ter sido benéfica, por outro ela foi um horror. Impediu que se avançasse com as informações para um público maior.

Fraga — Ela não foi um instrumento de evolução, mas gerou um problema — poder dizer as coisas — cuja solução foi o maior mérito da geração de humoristas destes anos de sufoco. Agora que o humor tem uma liberdade maior, deve mostrar sua eficiência e avançar. Acho que o humorista, por exemplo, não deve se filiar a partidos para poder criticar, malhar, para fazer todas aquelas coisas que não podia antes por causa da Censura. Ela ocupava todo o tempo do humorista, que tinha de fazer charge para denunciar sua presença. Então, a Censura desviava a atenção dos fatos importantes.

Vasques — A Censura seleciona o leitor, na medida em que o humorista tem de se tornar ambíguo para passar uma mensagem. Só metade das pessoas entende. Todas as tiras do Rango que eu fiz seriam mais entendidas se eu tivesse escrito uma frase: "Não existe o milagre brasileiro. Isto é mentira, o que existe é a fome e a miséria que a gente encontra na rua da Praia". Isto, na verdade, é uma tira do Rango, mas não se podia dizer assim. Então, era preciso estabelecer um código com o público, ir avançando. Dizer país em vez de Brasil. Com isto se atingia uma faixa menor de público.

Fraga — Não é só perder o leitor. A gente também perdia: diminuía a força da mensagem, do trabalho.

Vasques — Durante todo este tempo trabalhei em cima de ironia. Agora, quero fazer rir, ser engraçado sem abandonar meus princípios. Acabou a época da resistência. Há uma abertura, é preciso avançar, propor alguma coisa. Quando eu fazia o Rango, tinha uma idéia sobre o que se devia fazer para acabar com a fome, mas não podia dizer.

Fraga — Agora tu podes contribuir, não é?

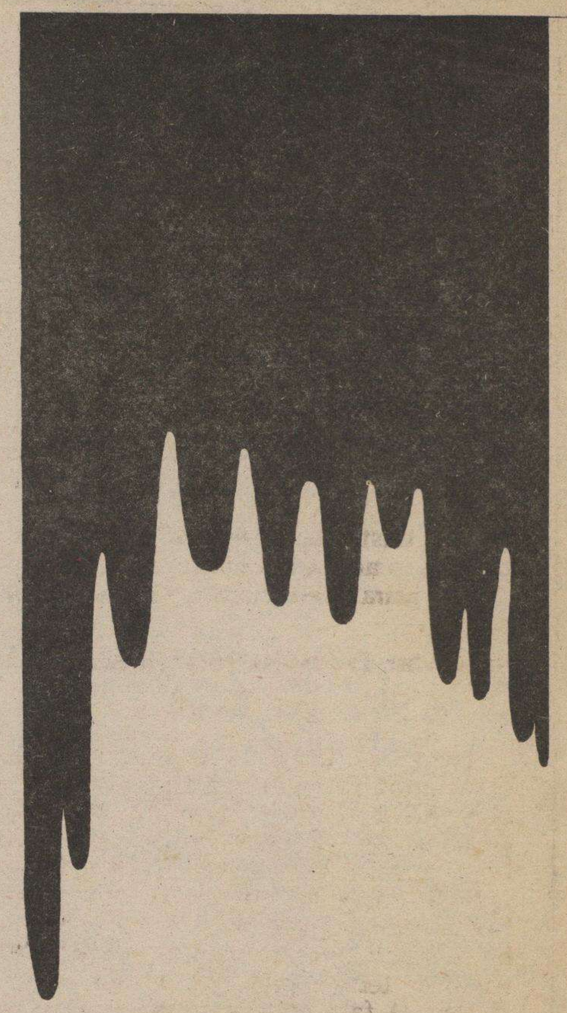
Vasques — Mas ao mesmo tempo preciso encontrar a maneira malandra de dizer as coisas. Porque o que eu dizia ontem no Rango o ministro está dizendo hoje.

Veríssimo — Não sei se isto é ser muito pessimista, mas acho que a gente precisa esperar para ver se a abertura é para valer. Acho muito cedo para dizer se o negócio fica aberto ou não.

Vasques — Acho que é impossível esperar. Se os caras dão uma recuadinha, a gente tem de dar uma avançadinha, mesmo que depois a dança se inverta de novo. Toda a nossa vida vai ser assim. Olha o trabalho do Millôr Fernandes: ele ia dizendo as coisas cada vez com maior audácia, à medida que abria. É preciso forçar um pouco. Meter o pé na porta para não fechar. Eu noto que a união da época da resistência vai terminando: as pessoas que a gente se acostumou a ter como parâmetros têm agora opiniões divergentes e todas as coisas progressitas racham. O que me preocupa é o futuro: o que fazer com o trabalho da gente? Eu acho que consegui resolver esta contradição há pouco tempo. Pensei bastante e cheguei à conclusão que devia passar estas contradições que atingem a gente para as tiras. Agora, no Rango, o Bebum é brizolista, o Rango fecha com Arraes. Vai todo mundo brigar na tira como a esquerda briga aqui fora.

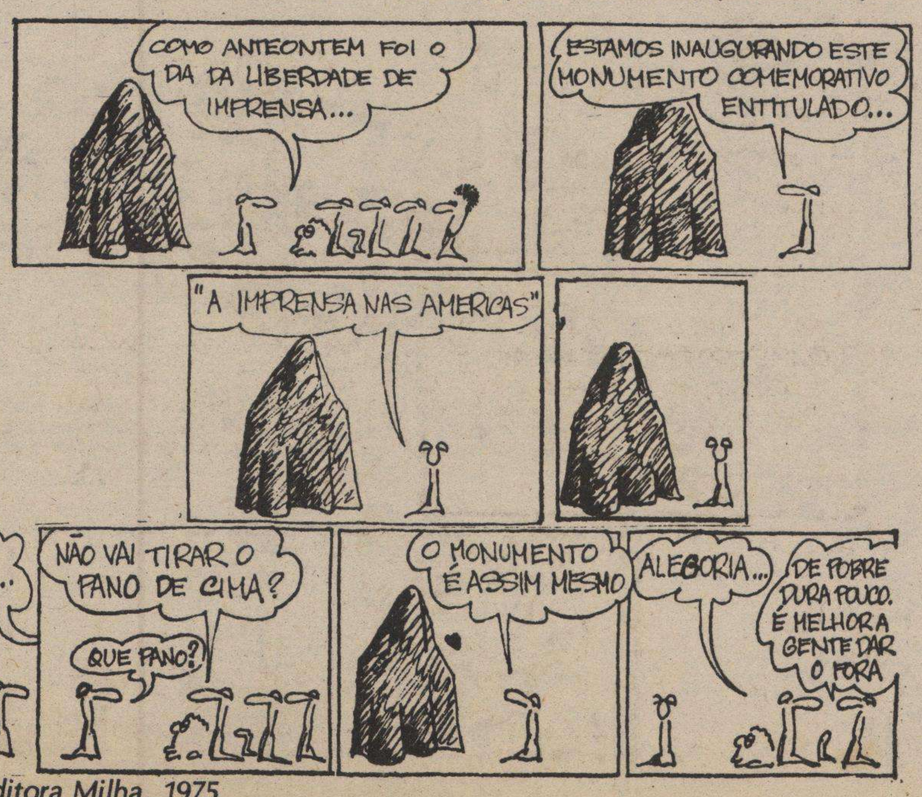
Angélica — Eu quero saber se as cobras do Veríssimo foram feitas para driblar a Censura e dizer algumas coisas.

Veríssimo — As cobras não têm uma origem tão nobre. Eu sempre gostei de fazer histórias em quadrinhos, de desenhar e trabalhando em jornal diário, posso fazer algumas experiências. O fato é que há coisas que não eram possíveis fazer no texto e a cobra era o bixo mais fácil de desenhar. Portanto...





QI 14, *Editora Garatuja, 1975*



As Cobras, *Editora Milha, 1975*



A Humanidade sempre gostou de pão & circo, mas nunca a platéia esteve tão subnutrida.

A liberdade de ir e vir chegou ao ponto em que é preferível apenas a primeira parte.

Abuso de poder: eis um campo em que não faltam autoridades.

A Justiça diz que todos os homens devem pagar pelos seus crimes. Alguns fazem isto com cheque.

Sem boa vontade não se consegue nada. Com boa vontade se consegue a mesma coisa.

O mais triste das prisões políticas é que quando o advogado consegue o habeas-corpus **para o seu cliente, já não há mais corpo.**

Fraga — Uma coisa que eu quero dizer sobre o humor gaúcho é que ele se desenvolveu dentro do jornal. Havia um grupo acéfalo, a idéia era dar o recado na hora, a vocação era botar para fora uma aptidão da gente, em forma de desenho. Nossa preocupação sempre foi o assunto da semana, em forma de porrada. Não sobrava tempo para pensar em se promover. A falta de planos diluiu o grupo, da mesma forma que a temática levou a um certo desgaste. Porque houve um tempo que humor não podia ser livre, senão era chamado de alienação. Isto, há alguns anos. Hoje, ele seria patrulhado ideologicamente.

Vasques — Houve casos de cartunistas que viviam com os pais e tiveram de batalhar pela sobrevivência. Mas eu acho que a dispersão se liga mais ao desenvolvimento político do país que à falta de mercado para todos. A dispersão ocorre no momento da abertura. O Henfil explica como a grande imprensa fez uma aliança com a gente para que atacássemos, por ela, a política econômica do governo. Agora, a situação reverte: o governo faz uma abertura, define-se os interesses de classes — nossos e deles. A grande imprensa bota jornalistas na rua, como aqueles que fizeram a greve por melhores salários em São Paulo. E o mercado se fecha para os humoristas. O Henfil já foi despedido de vários jornais. E eu mesmo, desde que deixei a *Folha da Manhã,* nunca voltei à grande imprensa. Houve convites do *Jornal do Brasil,* da *Folha de São Paulo,* a redação querendo o Rango. Mas na hora do acerto a direção recuava. Nestes últimos cinco anos só encontrei espaço na grande imprensa no *Estado do Paraná,* porque havia uma briga entre o Pimental e o Nei Braga. Mas estive, no mesmo período, no *Pasquim* e até em Paris, no *Charlie Mensuel,* que publicou minhas tiras meio ano.

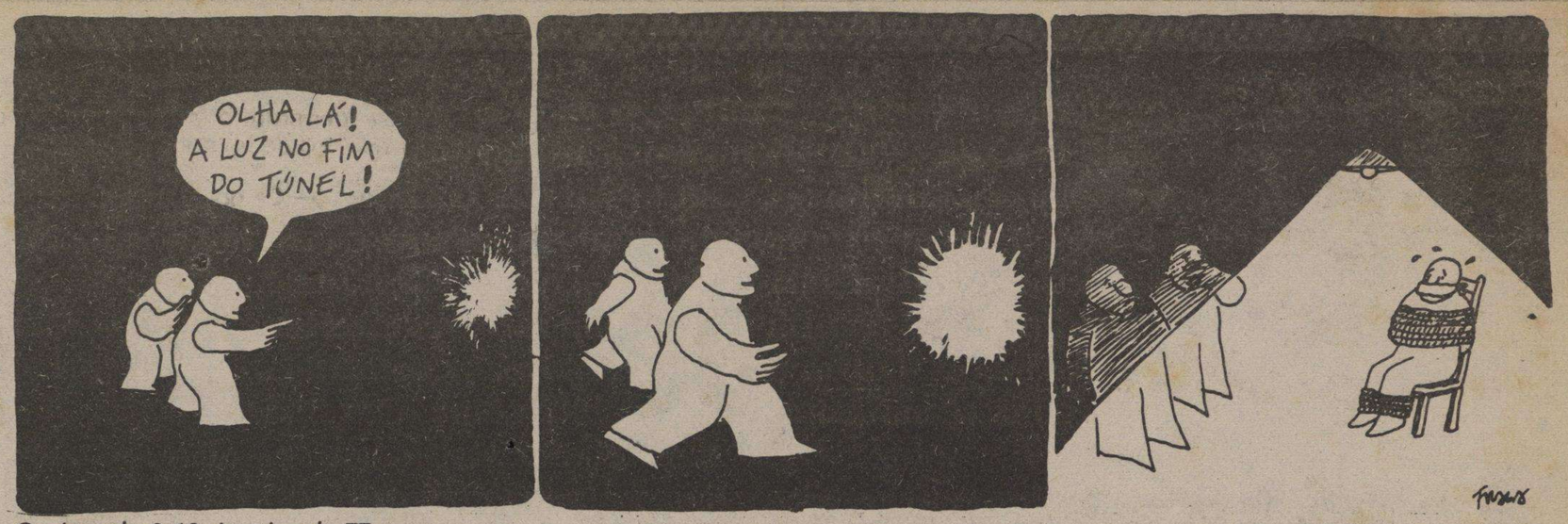
Veríssimo — Acho que a gente não escapa de ser sempre cúmplice de alguém, ou alguma coisa. Mas o que tu falaste da aliança do humorista com a grande imprensa é uma questão antiga: até que ponto o liberalismo, onde se possa dizer o que se queira, é melhor para o país?

Vasques — Não acho que seja uma cumplicidade, qualquer relacionamento político implica sempre num comércio. Eu tenho a minha vantagem, a outra parte tem a dela, só que no caso o controle sempre esteve nas mãos deles. Baseado nisto é que o Henfil fala na necessidade da gente desenvolver uma imprensa em cima dos sindicatos, que esta sim será a grande imprensa nacional. Baseado nisto existe a Coojornal, que é uma maneira de fugir a este pacto. Mas eu confesso que a minha preocupação neste momento pode ser expressa numa idéia do Veríssimo: a gente deve ocupar os espaços, publicar no maior número de lugares possíveis.

Veríssimo — Qualquer veículo é veículo.

Angélica — E aquela preocupação com o futuro dos cartunistas que tu manifestaste antes, Vasques?

Vasques — Acho que o papel da gente não é mais de resistência, como foi nestes últimos dez ou 15 anos. Agora, temos que conquistar aquele público alienado, que só lê *Pato Donald*. Temos que nos aprimorar formalmente (uns mais, outros menos). E temos que dar ao público mais graça, mais motivo para rir. O Veríssimo consegue isto, para o pessoal que surgiu no sufoco já é mais difícil. O Rango era feito com raiva. O mais perto que cheguei do humor foi om a ironia. Nunca mostrei alegria, nem gozação e humor é isto. Tem um cara de desenho que eu admiro muito. É o Carlos Estevão. Ele conseguiu captar todas as contradições da classe média baixa nos anos 50 e 60. E sempre foi engraçado.



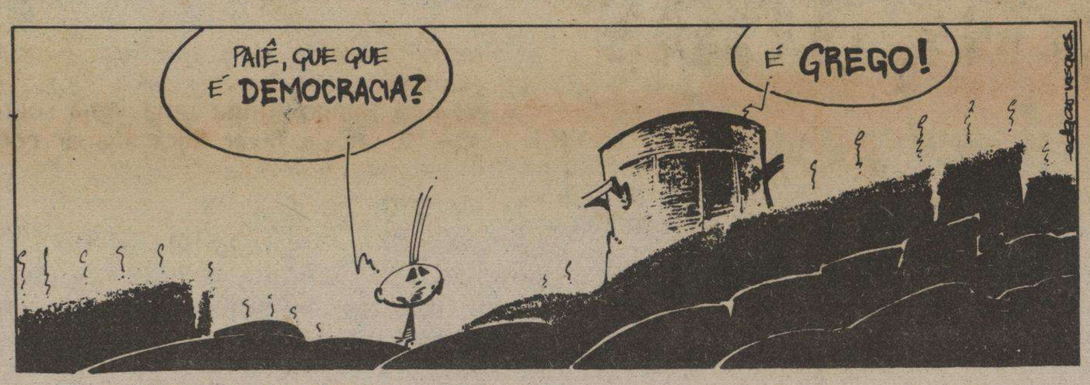
Coojornal *nº 12, janeiro de 77*



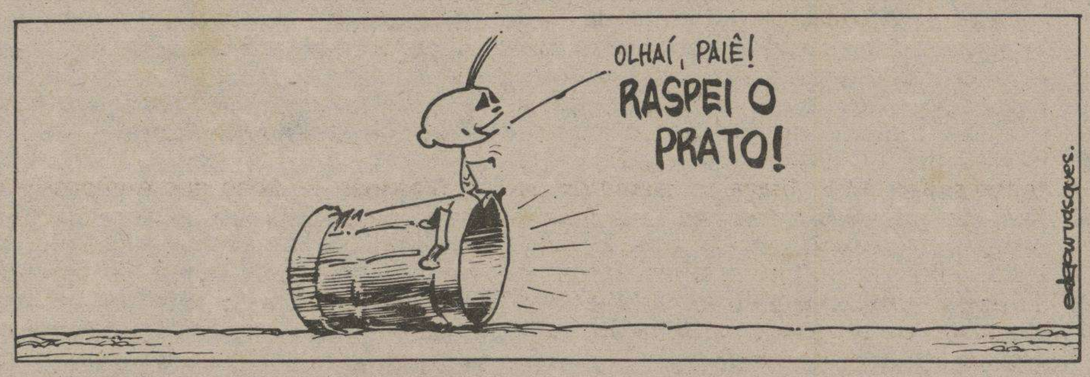
Rango 2, *Editora L&PM, 1975*



Rango 3, *Editora L&PM, 1975*



Rango 1, *Editora L&PM, 1975*



Rango 1, *Editora L&PM, 1975*



Coojornal, 1977



Autocrítica da luta armada

Dois ex-dirigentes contam,em livro, a história da Ação Popular



Haroldo Lima: da Ação Popular ao PC do B

Por 10 anos, de 1962 a 1972, a Ação Popular (AP), organização clandestina de esquerda, empolgou o movimento universitário no Brasil. Seu domínio foi tão absoluto que ela elegeu, nesse período, todos os presidentes da UNE e, em diversas ocasiões, até dois terços da diretoria. Também foi influente entre camponeses e operários, a ponto de ter dirigido, em 1968, as grandes greves do Cabo, em Pernambuco, e de Contagem, em Minas Gerais. Ainda naquele ano dividiu a direção da greve dos metalúrgicos de Osaco e das comemorações do 1º de Maio na capital paulista, que culminaram com o apedrejamento ao governador Abreu Sodré.

Agora, e pela primeira vez, a história da AP — do seu nascimento dentro da Juventude Universitária Católica (JUC) a sua incorporação ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), está sendo contada por dois de seus fundadores, Haroldo Lima, 39 anos, baiano, e Aldo Arantes, 40 anos, carioca. Beneficiados recentemente pela lei da Anistia, eles dão os últimos retoques no livro, que deverá ter 150 páginas.

A idéia de escrevê-lo nasceu pouco depois de Lima e Arantes terem sido presos em São Paulo, em meados de dezembro de 1976, durante uma reunião do Comitê Central do PC do B, no bairro da Lapa. Naquela reunião estava sendo aprovado um comunicado público do partido anunciando a incorporação da AP desde 1972. O documento, inédito até hoje, serviu de embrião para o livro que começou a ser escrito no presídio do Hipódromo, em março do ano seguinte, e só foi concluído em dezembro do ano passado, no presídio do Barro Branco.

Ao longo desse tempo, os originais eram escondidos em frestas e reentrâncias do chão e do teto da cela em que os dois estavam, e às vezes até mesmo em sacos de plástico no fundo do aparelho sanitário. Datilografados ainda dentro do presídio, eles saíram na noite do Natal de 1978, na parte oca de uma volumosa peça de artesanato que Lima e Arantes deram de presente a uns amigos.

O livro é dividido em três partes: Histórico da AP; Questões fundamentais da luta iterna da AP; e As lições da experiência da AP. Para chegarem à data de surgimento da organização, os autores analisam o que chamam de "a trajetória da luta democrática-antiimperialista de Getúlio Vargas a João Goulart". Dão ênfase à crise que atinge o Partido Comunista do Brasil entre 1956 e 1958, "devido ao avanço do revisionismo em escala internacional e nacional". E assinalam que o início da década de 60 encontra os comunistas rachados em dois Partidos e a Juventude Católica como força preponderante no meio estudantil universitário.

É por sinal dentro da JUC, durante seu congresso dos dez anos, no Rio, que se levanta pela primeira vez entre os universitários a bandeira da *Revolução Brasileira*.

Da ala esquerda da JUC, no curso da UNE volante, na gestão de Aldo Arantes é que surgiria a Ação Popular, "como uma organização democrática e reformista", segundo Lima. Para isso houve duas reuniões preliminares: uma, em março de 1962, em São Paulo, com a presença, inclusive, do deputado Paulo de Tarso, depois Ministro da Educação de Goulart; e a outra em setembro, em Belo Horizonte.

No carnaval de 1963, em Salvador, a AP realizava seu primeiro congresso e se definia como uma organização de caráter socialista, não comunista ainda. Durante o congresso o engenheiro Severo de Albuquerque Sales — hoje destacado professor na Universidade do México — abdicou da profissão e tornou-se o primeiro membro profissionalizado da AP. Só a nível de direção nacional, de 1968 a 1969, a AP chegou a ter 30 desses membros.

A revolução de abril de 1964 desorganizou a AP, que elegera deputados estaduais em vários pontos do país, tinha simpatizantes na Câmara Federal, influência no Ministério da Educação, e dois dos seus mais importantes ativistas na Superintendência para Reforma Agrária: Aldo Arantes e o famoso Padre Lage.

Pelo menos dois membros do Comando Nacional foram obrigados a fugir para o exterior. Muitos foram presos, mas ninguém foi morto ou torturado. Isso só se daria em 1969, depois do AI-5, quando 15 militantes foram mortos e centenas presos e torturados.

Em 64, a AP tinha bases fortes no meio operário da Bahia, de Minas e do Rio. Mas seu trabalho mais expressivo, fora do meio estudantil, se dava entre os camponeses do Nordeste. Esse trabalho foi especialmente reprimido pelas forças armadas e "quando decidimos retomá-lo depois", conta Lima, "tivemos grandes dificuldades em vencer a desconfiança dos camponeses. Eles nos diziam: "Antes de vocês a polícia nunca tinha baixado por aqui. Agora foi esse desmantelo".

De qualquer forma, essa desconfiança foi superada e a AP chegou a possuir, ao mesmo tempo, 30 frentes de trabalho no meio camponês. Uma delas, no Maranhão, foi liderada pelo ativista Manoel da Conceição, exerceu influência sobre 30 mil pessoas e produziu episódios como o de tomar uma cidade com 2.500 homens armados.

Quando se rearticula, em 1965, com a aprovação de uma nova resolução política, a AP passa a defender "a violência revolucionária das massas para a construção do socialismo, se transformando, assim, numa organização democrática-revolucionária, embora ainda nem proletária, nem marxista", interpreta Arantes. Ao mesmo tempo, sua estrutura de comando se centraliza ainda mais, reflexo que começa a sofrer de Cuba, da concepção foquista de Debray e Guevara, defensores da teoria da criação de focos de luta armada que se irradiariam, depois, desembocando numa revolução popular.

Datam de 1966, dois episódios importantes na vida da AP: o lançamento do Movimento Contra a Ditadura (MCD) que, entre outras coisas, pregaria o voto nulo nas eleições daquele ano e nas de 70, e a instalação, a nível interno, do Debate Teórico Ideológico (DTI) sobre o marxismo, estimulado pela revolução cultural chinesa, pela morte de Guevara na Bolívia e pela polêmica sino-soviética, intensa nessa época.

O DTI culminaria, um ano depois, com a vitória da corrente que defendia a adesão ao marxismo-leninismo, via pensamento de Mao-Tsé-Tung. A AP entra o agitado ano de 1968, radicalizando ainda mais suas posições e defendendo a luta armada. Através de seu militante Enio Seabra, presidente do Sindicato dos Mineiros de Contagem, lidera o movimento grevista daquela cidade. Participa da direção da greve dos 120 mil trabalhadores rurais do Cabo, em Pernambuco. Em aliança com José Ibrahim, para os metalúrgicos de Osasco.

Dessa época é também a decisão do comando nacional da AP de obrigar seus militantes a viverem e trabalharem como camponeses e operários - e dezenas deles discordam e bandonaram a organização. "Essa foi, na verdade, uma posição sectária", reconhece hoje Lima, "estreita, que provocou sérias defecções nos nossos quadros. Mas teve seu lado positivo e até hoje muita gente que foi viver no campo e trabalhar nas fábricas, permanece".

Lima e Arantes amparam esse julgamento em 150 casos que analisam no livro. A maioria deles, crêem, "deu bons resultados". Na ótica dos dois, um bom exemplo foi o de um estudante do Recife que há três meses de se formar em medicina, largou a universidade, foi trabalhar no corte da cana-de-açúcar e, por fim, liderou a greve do Cabo. Em compensação, houve casos como o de um engenheiro baiano, deslocado para a colheita do cacau e que simplesmente pirou: o choque cultural foi tão grande que ele ficou mudo por um longo tempo.

Se no seu surgimento a AP recusou a denominação de partido por julgar que "partido era uma invenção burguesa", a partir de 1969 e até março de 1971 ela empenhou-se no debate interno da questão. Ao seu término, por nove votos contra apenas três, a direção nacional decidia pela incorporação da AP — já aí com o nome da Ação Popular Marxista Leninista do Brasil — ao PC do B. Isso provocou uma nova defecção de militantes — algumas centenas, que ainda hoje teimam em reorganizar o movimento, principalmente em algumas faculdades do interior de São Paulo. "Mas a AP mesmo, essa acabou, assimilada pelo PC do B" reconhece Lima, membro do Comitê Central daquele partido.

RICARDO NOBLAT

RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr$ 280,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
Fone: 33-5099 (PABX) — Telex (051) 1605 90.000 — Porto Alegre — RS

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 – entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr$ 280,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
Fone: 33-5099 (PABX) — Telex (051) 1605 90.000 — Porto Alegre — RS

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 – entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Como assinante, você recebe o *Coojornal* em outros estados no mesmo dia em que ele vai para as bancas em Porto Alegre. Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

coojornal

COMUNICAÇÃO EM BECO SEM SAÍDA

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE, Egon Schaden e outros, Cortez & Moraes e IMS, 190 páginas, Cr$ 170,00.

Com raras exceções, as publicações científicas tem vida curta no Brasil e poucas editoras se aventuram a um empreendimento nesse campo. Segue essa regra a comunicação social que durante alguns anos teve os **Cadernos de Jornalismo do JB** e durante um período menor os **Cadernos de Comunicação Proal,** de São Paulo. Agora, a **Cortez & Moraes** entrou em acordo com o Instituto Metodista de Ensino Superior, a quarta escola do país com mestrado em Comunicação Social e lançou o primeiro número de **Comunicação & Sociedade.**

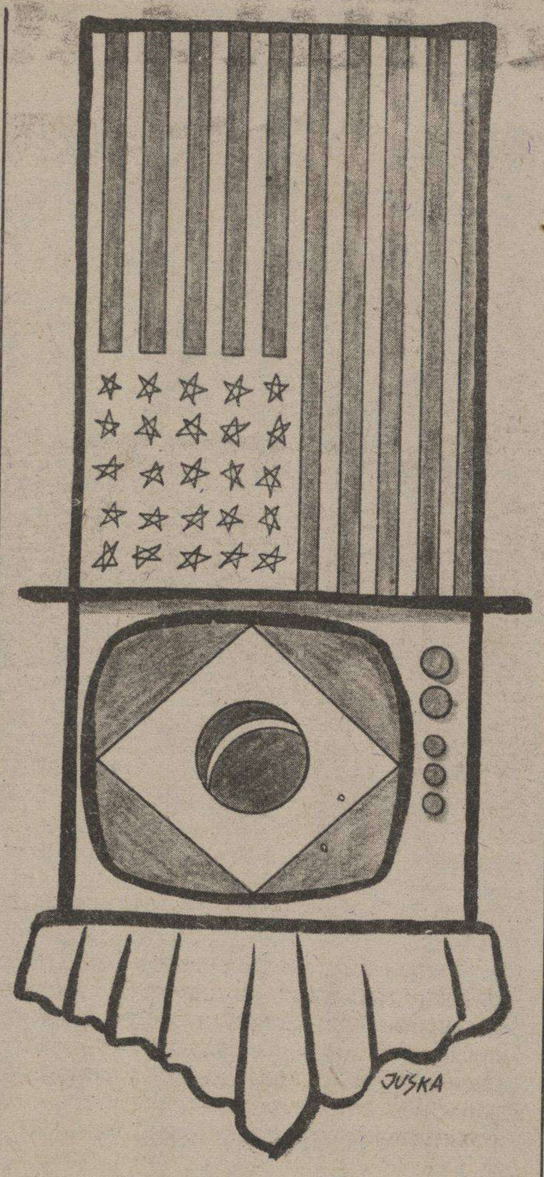
A revista, com todas as características de livro, subdivide-se em artigos e ensaios sobre cinema, cultura, educação, editoração, ideologia, jornalismo, média e televisão. Um dos artigos que mais chamam a atenção é a **Televisão como Instrumento do Neocolonialismo: Evidências do Caso Brasileiro, de José Marque de Melo.** A maior parte de suas afirmações foi calcada numa pesquisa nacional de televisão feita pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação, em convênio com o governo do Rio Grande do Sul.

Com dados levantados por quase 400 pesquisadores em todo o país, o leitor poderá ficar conhecendo a dependência tecnológica de 80 emissoras de tevê, com 77,7% delas com equipamento básico importado dos Estados Unidos; 37,7% do Japão; e 30,9%, nacional, 17% da Inglaterra.

Essa dependência tecnológica vai se ampliar para a dependência cultural: "Mais de 80% do espaço dos programas exibidos é ocupado por material proveniente de universos culturais diversos daquele peculiar à população a que se destina. Cerca da metade dos programas são estrangeiros e cerca de 1/3 são nacionais. A produção regional é reduzidíssima (4%) e a produção local é quantitativamente pouco expressiva (14%). O autor fala ainda sobre o domínio do mercado nacional por distribuidores de programas e a dependência informativa.

Já Onésimo de Oliveira Cardoso escreve **Comunicação e Educação Libertadora: Contradições de um Modelo Dependente de Televisão Educativa.** O autor é de opinião que todo sistema de Comunicação Social é dependente das condições políticas e sócio-econômicas em que está inserido, as quais, por sua vez, determinam os aspectos institucionais e individuais da comunicação. Através do exemplo da televisão educativa numa sociedade dependente, ele procura avaliar sua ação e limites para a realização de uma educação libertadora. E vai concluir que a televisão educativa no Brasil se tem desenvolvido como um instrumento de grupos dominantes em estreita ligação com uma elite tecnocrata modernista, que não visa à mudança das estruturas sociais, não servindo, portanto, como instrumento libertador da grande massa não só carente de ensino, mas também de saúde, trabalho e alimentação.

Os dois artigos têm como ponto comum o enfoque da dependência na análise da comunicação social. Aliás só muito recentemente as discussões que há mais de uma década alimentavam o campo das ciências sociais, desbordam para uma análise de suas implicações nos meios de comunicação. Há poucos meses a Cia. Editora Nacional publicou **Meios de Comunicação: Realidade ou Mito,** organizado por **Jorge Wetheimer,** que traz diversos enfoques sobre o caráter da comunicação numa sociedade dependente. Se, como diz **Ingrid Sarti,** um dos colaboradores daquela obra, existem muitas confusões e imprecisões na aplicação da **Teoria (?) da Dependência** na Comunicação Social, pelo menos está



servindo para o questionamento de um problema da máxima importância para os países subdesenvolvidos. Daí a importância desses dois estudos para levantar dúvidas, aprofundar discussões. Nessa mesma linha, a notícia que traz **Comunicação & Sociedade** da publicação, no Brasil, nos próximos meses, do livro de **Herbert Schiller, Communication and Cultural Domination,** pela Editora Artenova. Esses temas, aliás, estão no centro das discussões da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. (Intercom), que tem sede em São Paulo.

Um trabalho que diz respeito mais de perto ao Rio Grande do Sul é o de **Sérgio Caparelli, Identificação Social e Controle Ideológico na Imprensa dos Imigrantes Alemães.** Para o autor, a imprensa de instrumento de controle ideológico da nova realidade encontrada e de integração e reflexo das mudanças econômicas do sistema capitalista da zona colonial.

Os jornais dos imigrantes, nas mãos de grupos econômicos dominantes, serviram para integrar o colono na fase capitalista de produção que se inaugurava, reforçando entre os setores subalternos os valores da burguesia formada entre imigrantes e cujos interesses se complementavam com os dos grupos dominantes autóctones, existentes nas áreas urbanas do estado, principalmente em Porto Alegre. Também serviu essa imprensa para uma identificação social dos núcleos coloniais, relacionando-os entre si, mantendo viva a cultura germânica e reforçando seus valores religiosos e políticos.

O próximo número de **Comunicação & Sociedade** promete artigos de Antônio Theodoro de Magalhães Barros (As Estratégicas Empresariais de "Última Hora"), Edvaldo Pereira Lima (Ideologia de um jornal venezuelano "El Universal", de Caracas), Valtaire Mesquita e Gustavo Martin Quesada (Comunicação, fatalismo e participação social como fatores para a adoção de tecnologia entre agricultores catarinenses), entre outros.

S. C.

TORTURA A CÉU ABERTO

TORTURA: HISTÓRIA DA REPRESSÃO POLÍTICA NO BRASIL, Global Editora, Cr$ 70,00

"Que bela reportagem se você pudesse escrever, hein?" Esta foi a frase que o jornalista Antônio Carlos Fon (baiano, 33 anos de idade) ouviu de um delegado, ao ser colocado em liberdade, após ter peregrinado pelos porões da **Operação Bandeirantes,** do Departamento de ordem Política e Social e do Presídio Tiradentes, onde foi torturado e onde presenciou cenas de extrema crueldade e requintado sadismo contra presos políticos. Pois Antônio Carlos Fon, dez anos após, através da revista *Veja* e, agora, através de um livro (**Tortura: a história da repressão política no Brasil**), contrariando o comentário irônico daquele delegado, não só pôde, como teve a coragem e a dignidade de escrever essa não bela — porque terrível — reportagem.

O livro de Fon não é apenas a narrativa de fatos presenciados ao acaso, mas o levantamento de uma série de acontecimentos ocorridos neste país nos últimos anos, mais precisamente, de 1969 para cá: alguns já de conhecimento público (como os casos do sargento Manoel Raimundo Soares e do jornalista Wladimir Herzog, ambos mortos nas mãos da **Segurança Pública**), e outros que somente agora começam a vir à luz (como o caso do pintor Suzuki que, não resistindo às torturas, enlouqueceu e se animalizou, agindo como um macaco pendurado às grades da cela, enquanto os carcereiros lhe jogavam amendoim e pipocas para que os aparasse com a boca, ou o do operário Virgílio Gomes da Silva, morto a pontapés na sede da "Operação Bandeirantes"; ou, ainda, o da esposa de Virgílio, Hilda Gomes da Silva, que, além de torturada, passou pelo terror de ver sua filha, de quatro meses, sofrer choques elétricos; ou ainda, inúmeros outros).

Por tudo isso, a denúncia de Antônio Carlos Fon não é a denúncia inconseqüente dos fatos, apenas, mas sim, a narrativa do terror, onde não faltam os nomes dos responsáveis diretos ou indiretos, dos responsáveis por mando ou omissão, dos torturados e torturadores. Obviamente, Antônio Carlos Fon, por denunciar — e denunciar com dados concretos — não publicou suas reportagens impunemente. O ex-ministro do Exército, general Francisco Bethlem, pediu o enquadramento do jornalista na Lei de Segurança Nacional. Felizmente para Antônio Carlos Fon, ao que se saiba, ele foi beneficiado pela semi-anistia recentemente promulgada. O que não foi dito ainda — como informam os editores na última capa do livro — é que cada fato relatado por Antônio Carlos Fon pode ser provado.

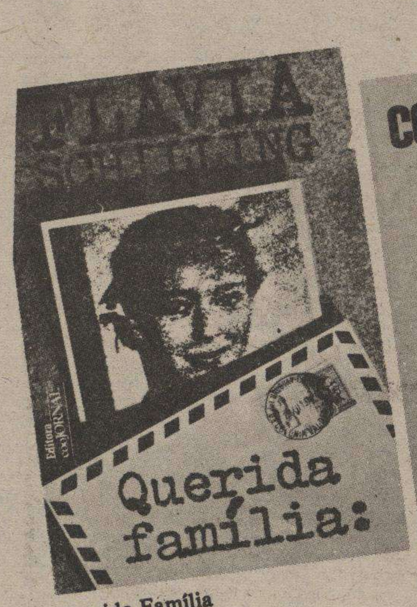
O livro começa pela narrativa de Fon de sua própria prisão, em 1969, quando fala das torturas a que foi submetido... "Fui levado para a câmara de torturas, no segundo andar, e durante três horas submetido a "pau-de-arara", espancamentos e choques elétricos. De tudo isto, lembro-me de que nada era mais terrível que os choques elétricos na cabeça, com um fio preso ao lóbulo da orelha e outros percorrendo os lábios, o pescoço ou o nariz. Esses choques provocam uma contração tão forte dos músculos da face que a língua é mordida e estraçalhada pelos dentes".

A seguir, Fon divide o livro em capítulos, cada um sendo uma reportagem sobre determinado aspecto da repressão política e da tortura, que vão desde o surgimento da famosa "Operação Bandeirantes", passando pelo "Caso Para-Sar", pela "Fazenda 31 de março" (de onde ninguém saía vivo, segundo expressão de um dos integrantes do "Braço Clandestino da Repressão"), pela formação dos "Grupos Especiais", até uma análise do surgimento da "Doutrina da Segurança Nacional", exemplificando com fatos lamentáveis e verídicos da violência policial. E como a descrição dos variados métodos de tortura utilizados pelos órgãos de repressão (pau-de-arara, afogamento, geladeira, arrancando-dentes, torniquete, cadeira-do-dragão, maquininha de choque, etc.).

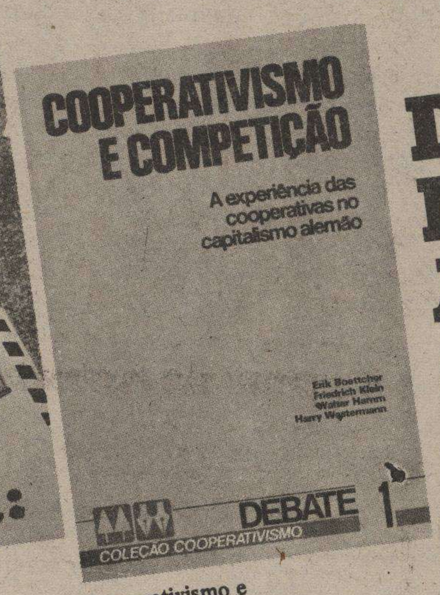
Os fatos narrados são enriquecidos com entrevistas, não apenas com os responsáveis, como secretários de Segurança, generais, etc., mas, inclusive, com figuras menores do cenário político-policial, delineando um tétrico painel da longa noite de horrores que se abateu sobre a vida do país.

A repressão e a tortura no Brasil tornaram-se tão quotidianas e até mesmo meritórias nos escalões policiais, que levaram o ex-delegado do Dops paulista Firmiano José Pacheco a declarar ao repórter: "Olha, se você for publicar a lista dos torturadores, não tira o meu nome, não, porque isto pode prejudicar minha carreira".

Carlos Carvalho



Querida Família
Um drama do nosso tempo.
As cartas enviadas pela brasileira Flávia Schilling à sua família narrando toda sua amarga experiência nos cárceres uruguaios.
Cr$ 70,00



Cooperativismo e Competição
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate nº 1
Cr$ 75,00

DOIS IMPORTANTES ASSUNTOS EM DOIS GRANDES LIVROS

Faça seu pedido preenchendo este cupom e remetendo para a Editora Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — 90000/Porto Alegre — RS

Solicito enviar-me, pelo Reembolso Postal, o(s) seguinte (s) livro (s):
. . . . . exemplar (es) — Querida Família
. . . . . .exemplar (es) — Cooperativismo e Competição ao preço total de Cr$ . . . . . ., 00.
Nome . . . . . .
Rua . . . . . .Bairro. . . . . .
Cidade . . . . . .
CEP . . . . . Estado . . . . . .

Assinatura

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o(s) livro(s).

Os presidentes, na boca do povo

Costa e Silva nos bancos escolares. O professor pergunta ao garoto: "Artur, a quantos graus a água ferve?" Uma ruga de preocupação se desenha na testinha curta do aluno. Arrisca uma resposta: "A água ferve a noventa graus, professor". Vendo a confusão do aluno, o mestre dá mais uma chance. E o futuro presidente descobre, finalmente: "Não, eu disse errado. O que ferve a noventa graus é o ângulo reto".

• • •

Outra de Costa e Silva, agora já presidente e em visita oficial ao Estaleiro Só, em Porto Alegre. Convidado para batizar um navio, Costa e Silva recebe uma garrafa de champanha. Sem saber o que fazer com aquilo, ele olha aflito para seus assessores. E um deles cochicha ao ouvido presidencial: "Quebre no casco, excelência". Ato contínuo, Costa e Silva rebenta com a champanha no seu sapato.

• • •

Qual a diferença entre Costa e Silva e um pão de sanduíche? Fácil: ambos são quadrados, mas apenas o pão tem miolo.

• • •

Médici foi o presidente que menos inspirou piadas, por motivos óbvios. Mas, mesmo assim, não escapou de alguns comentários ferinos sobre sua inteligência. Esta foi contada por Carlos Lacerda na sucursal do *Estado de S. Paulo,* em Porto Alegre. O *Corvo* divertia-se em afirmar que, certo dia, no Palácio do Planalto, o presidente se mostrava preocupado em escolher um presente de aniversário para seu secretário particular. Os assessores presidenciais se revezavam em sugestões. Até que um deles lembra: "Quem sabe o senhor dá um livro para ele, excelência?" Médici considera a sugestão e logo a descarta: Mas livro ele já tem".



Trabalho especial de Nássara para o suplemento 15 anos de Mau Humor

• • •

Também de Médici e de seus soturnos óculos. Comentava-se, na época, que o presidente usava lentes tão escuras para não comer a farda.

• • •

Castelo Branco não tinha fama de burro. Pelo contrário, contam-se dele algumas tiradas de humor. Como aquela vez em que, em reunião com o ministro Roberto Campos, comentaram-se as repercussões das últimas medidas econômicas adotadas. Querendo ver as notícias dos jornais, Bob Field (como foi apelidado pelo *Pasquim*) pede ao presidente: "Por favor, excelência. Me alcance um *Estadão* atrasado". O nordestino baixinho, com um sorriso de malícia, passa a seu ministro o mapa de Minas.

• • •

Agora passamos para a época da distensão lenta e gradual. O presidente Geisel acha uma nota de 500 na rua. Feliz, ele chega no Palácio do Planalto e chama seu Ministro da Fazenda. Quer uma sugestão de como aplicar aquele dinheiro para o bem público. Simonsen não se faz de rogado: "O melhor acredito, seria trocar essa nota de 500 por notas de um cruzeiro e jogar da janela do palácio. Tenho certeza que a população de Brasília iria gostar dessa sua manifestação de generosidade". Golbery, que ouvia a conversa pelo interfone acoplado a um gravador, sai de sua sala e chega a tempo de sugerir: "Ernesto, acho que você faria a felicidade de toda a população brasileira jogando o Simonsen pela janela".

• • •

Contam que a assessoria de Golbery a Geisel era algo de inédito. Pela primeira vez um cego conduzia um pastor alemão.

• • •

Esta já é clássica. O motorista de Geisel conduz o presidente a uma cerimônia oficial no Rio. Já estão atrasados e o carro corta caminho através de uma favela. De repente, um cachorro se atravessa na frente do chapa preta número um e o motorista não tem tempo de frear. Mata o sarnento. Preocupado com sua imagem, Geisel faz o motorista ir até o barraco dos donos do cachorro, pedir desculpas em seu nome. O motorista vai. E demora. Geisel já está aflito quando o motorista retorna. Sem paletó, mangas arregaçadas, gravata frouxa, uma voz pastosa de bêbado, ele explica ao presidente sua demora: "Até agora não entendi, excelência. Cheguei lá e disse: sou motorista do presidente e matei o cachorro. Eles fizeram uma festa".

• • •

Figueiredo é personagem de muitas piadas. Todas voltaram a comentar a burrice presidencial, retomando a velha tradição inaugurada com Costa e Silva. Ele chama seu secretário particular e informa que convocará uma reunião do ministério para sexta-feira. Que o funcionário avise aos ministros. Uma dúvida: sexta se escreve com s ou com ç? E o presidente sentencia, salomônico: "Bota sába o mesmo".

• • •

Muito preocupado em avaliar o impacto negativo dos incidentes de Florianópolis em sua imagem de "Presidente João", Figueiredo encarrega Said Farhat de fazer uma pesquisa de opinião sobre como ia o povo brasileiro depois do recente pacote econômico do Delfim. Uma semana depois, chega o ideólogo da SECOM no gabinete presidencial, pastinha debaixo do braço. "Aqui estão os resultados. A pesquisa informa que a populaçãqo está dividida em duas partes: os otimistas e os pessimistas". E Figueiredo, interessado: "Sim? E o que dizem os otimistas?" Responde Said Farhat: "Dizem que em breve a população do país estará comendo merda". Figueiredo acende seu enésimo cigarro do dia e pergunta de novo: "E os pessimistas? O que sobrou para os pessimitas dizerem?" Farhat dá um sorriso amarelo: "Dizem que a merda não vai dar para todos".



...nto nº 194, março de 79



Movimento nº 177, novembro de 78